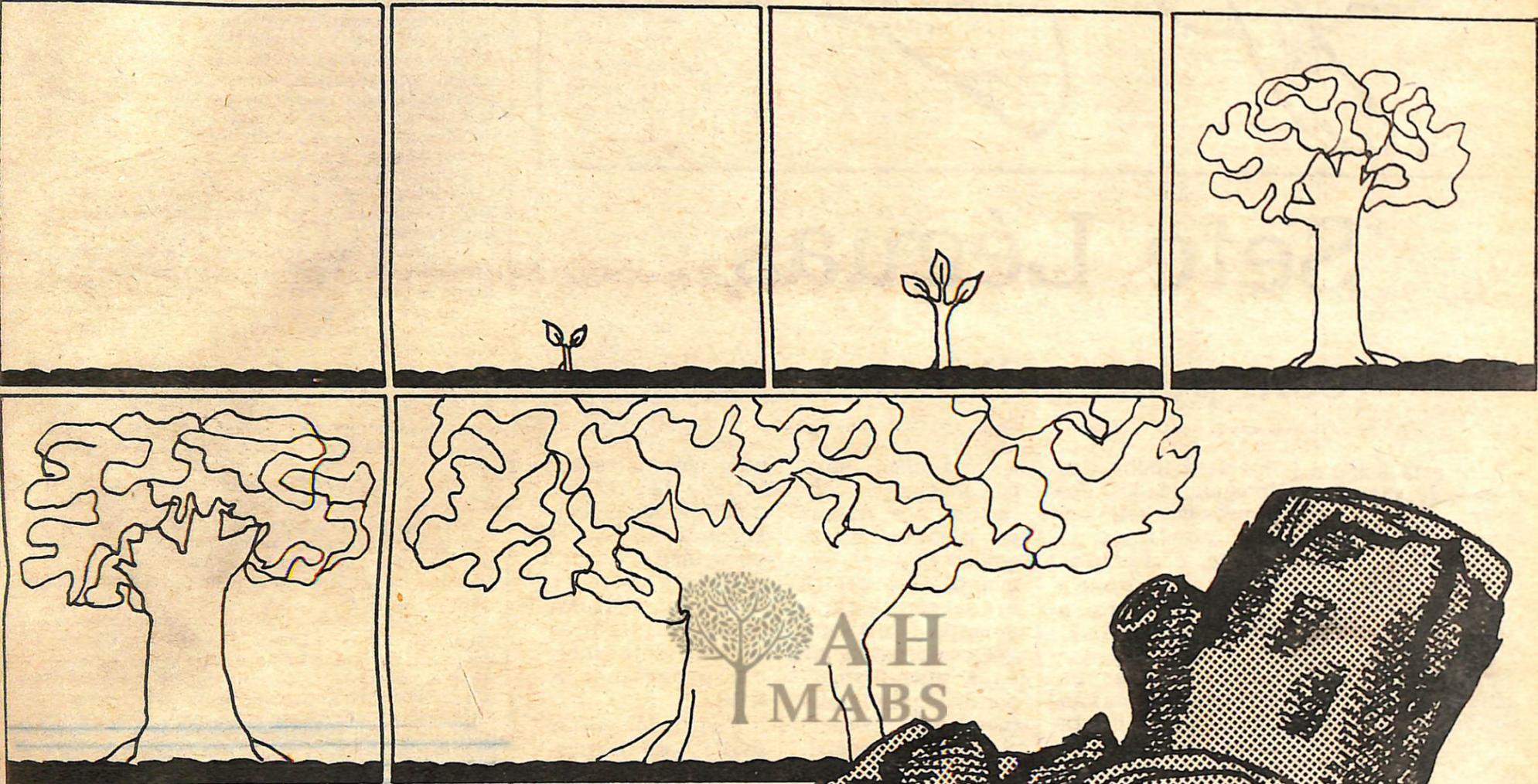


JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 12 A 18/1/76 - N.º 28

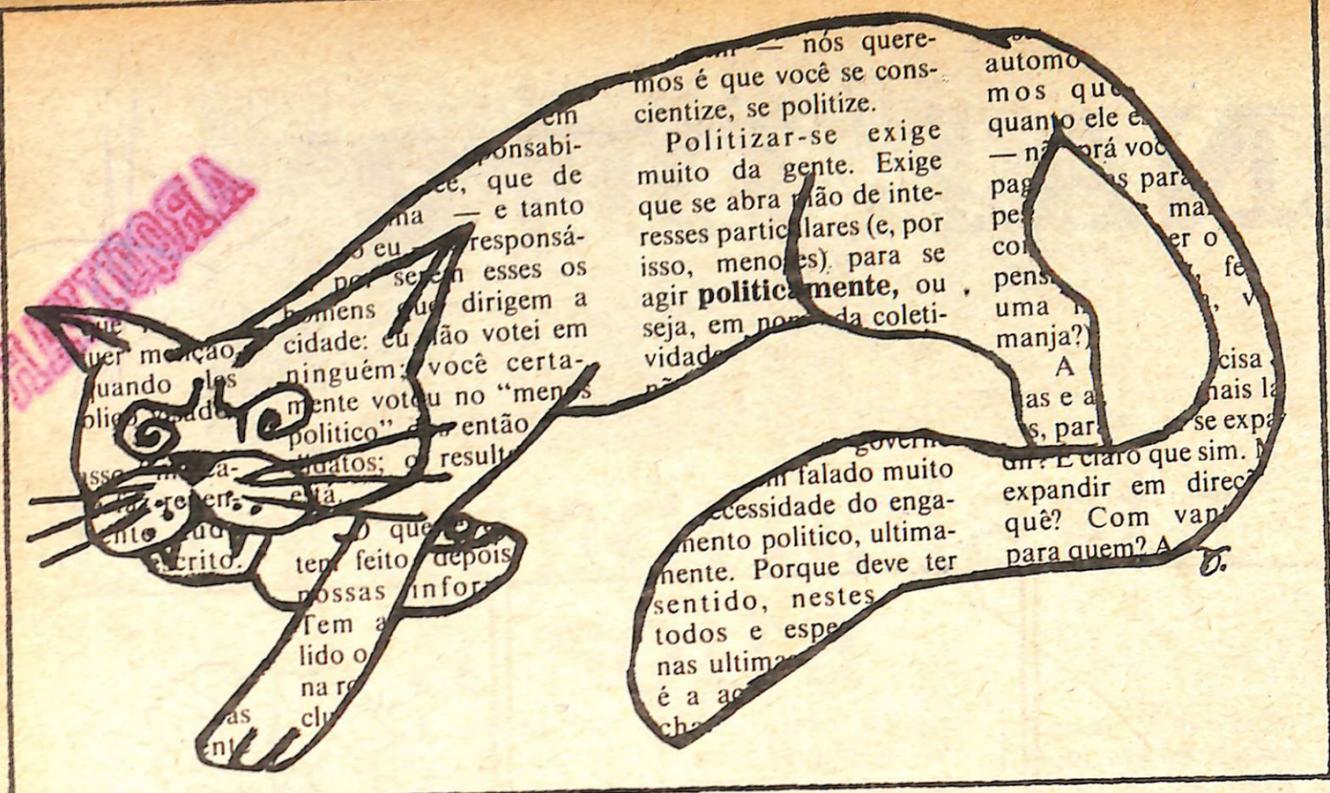
~~ABERTURA~~



O crime contra as figueiras

Páginas, 3, 8 e 9.





Sete Léguas

(com pedregulho na bota)

Você está lendo o nº 28 deste, digamos assim, hebdomadário.

Vinte e oito semanas, sete meses de vida.

Se você tivesse participado da reunião de “fechamento” do primeiro número (“fechamento”, em jornalismo, é o instante em que se aprontam as matérias que deverão compor o número a ser editado), se você estivesse conosco naquele dia 4 de julho de 1975, você diria — e ninguém discordaria — “esse jornalzinho não chega lá, de jeito nenhum”.

Porque nos faltava (e agora?) quase tudo: infraestrutura técnica, infraestrutura de pessoal, infraestrutura comercial. Só não faltava era a vontade de publicar qualquer coisa que pudesse informar o público a respeito

dos desmandos, das irregularidades, dos abusos que estavam (e continuam) sendo cometidos contra a nossa cidade, contra a nossa população.

Como se esses problemas todos não bastassem, havia ainda uma série de boatos pelo ar, a “língua de Jundiá”, carregada de ameaças veladas, acusações infundadas que iam desde a pecha de “subversivos”, até a conotação de “jornal partidário” — duas coisas que jamais tivemos a insensatez de pretender: sempre nos faltou a vocação, quer para Cristo, quer para Pilatos.

Foi sob esse clima e aos trancos e barrancos que apareceu nas bancas, durante a semana de 7 a 13 de julho de 1975, o primeiro *Jornal de 2ª*, magrinho em suas oito páginas e na sua escassa publicidade

— esta aliás, feita por amigos que confiaram nos nossos propósitos e se ombreamos conosco quando, até contra eles, pairava a ameaça de estarem “se comprometendo e às suas firmas” por divulgarem suas mensagens comerciais pelo jornalzinho maldito.

Maior do que o nosso esforço para publicar os números seguintes talvez só mesmo o dos nossos inimigos, verdadeiros “office boys” da intriga, indo e vindo, jornaleco debaixo do braço, na tentativa de nos implicar com os “altos escalões” — jargão usado por eles e que bem revela a sua (deles) pequenez, a sua baixa estatura.

E aqui estamos com o nº 28, o que marca o sétimo mês de vida do *Jornal de 2ª*, um semanário opinativo, político, emperreado.

E é assim que pretendemos continuar. Dando nossa opi-

nião com a maior justeza de raciocínio. Vale dizer, recusando a matéria de encomenda, o ponto de vista patrocinado, seja ela sobre a administração pública, seja sobre um programa de tevê.

Falando — e muito — da política. Mas sem nenhuma tutela partidária (basta ver as entrevistas dos dois números anteriores, quando líderes políticos de todas as facções expuseram livremente suas propostas, assim como o povo falou e comentou o que pensa da política municipal).

E, finalmente, emperreando. Sempre que pudermos emperrearemos. Porque se outra lição não nos trouxeram estes sete meses de vida, pelo menos uma coisa aprendemos: somos um jornaleco de sete fôlegos.

ERAZÉ MARTINHO

Canto Chorado

Quisera eu que os anos retrocedessem para poder ouvir, de novo, aquelas histórias fantásticas que embalararam o meu sonho de criança. Virar a ampulheta do tempo e ver os meus olhos bruxoleando nos olhos sonolentos de minha mãe. De ouvi-la falar de Sherezade, de Aladim, de Ali Babá — fascinados pela cabalística do “Abre-te-Sásamo” — Da Meca dos mercenários, dos fibusteiros, dos homens com cara de Janus, da Cidade Encantada.

Hoje, encanecido e surrado pelas agruras da vida, continuo ouvindo histórias, não com tanta arte e beleza, mas igualmente mirabolantes. Nosso prefeito, por exemplo, anda contando coisas do arco da velha. Diz que vai nos dar um rio novo de presente, podendo assim, com essa dádiva, atenuar a responsabilidade que pesa sobre o raquítico Guapéva de transportar para o ignoto os excedentes de uma comunidade exaurida e miserabilizada pelos encargos tributários; vai fazer de nossa terra aquele presépio perene e delirante que anunciou; modernas avenidas vão transpassar “urbi et urbi”. Afirma, ainda, o nosso prefeito, que estamos com a vidinha planejada para o próximo século!...

Como vêm, são histórias atualizadas, destinadas a aferrolhar a língua dos maldizentes porque substitui a ficção de Sherezade por uma “ibismática” realidade.

Ao seu turno, do minarete da opinião popular a andrajosa Petronilha vaticina a sorte dos jundiás à entrada do ano novo!

— Neste 76 — diz a vidente — não teremos grandes alterações na vidinha cotidiana. Esses augúrios de felicidades que vocês receberam por aí não foram mais que o produto de desenfreadas libações natalinas. Isso porque, como toda a gente sabe, alegria de pobre dura pouco.

Mas, vamos ter — isso vamos — Ali Babá e seus servos do primeiro escalão na hierarquia de um flácido contingente de “chupetas” que estarão aumentando por mais uns cinquenta. Vamos ter corretores, fibusteiros e mercenários à beira dos córregos — os mesmos que vão ajudar na montagem do presépio às margens do Guapéva.

Os “papagaios” continuarão encarcerados na gaiola do Banco do Brasil, de onde só sairão em 77, época em que vocês começarão a comer o pão que o diabo amassou, ou melhor, ocasião em que vocês poderão fazer um balanço dos seus teres e haveres.

Tanto as magnas, como as mini datas, continuarão a ser bombasticamente comemoradas nos jornais para impedir que seus “abnegados” mentores venham coonestar (como outrora) com táticas golpistas, o “senhor-menino” do presépio. Muitos milhões serão empregados na compra do silêncio que ele tem o direito de desfrutar no regaço da “manjedoura”.

Na colenda, vamos continuar “sacando” onde “minigildos” com caras de Janus, quer dizer, com duas caras e uma só barriga para as duas.

Os negócios continuarão rendosos no setor industrial e em outros setores...

As “manjatas” prosseguirão promovendo adiposidades no Balaio, no Parque e no Haiti.

A 15 de Novembro, nuvens negras toldarão o céu e aquela mesma tempestade que elevou os detritos da sarjeta para a calçada os devolverá ao seu legítimo habitat.

São estas, por enquanto as previsões para 76... \$0\$0\$0

Voismecê vai dizer seu prefeito
Se o presépio em que vamos morar
Vai ser mesmo um lugar de respeito
Ou se a turma da tesoura
Joga certa quando diz
Que anda a nihil a “manjedoura”
Com “chupetas” a chupar
Com escribas a morder
Com ruas esburacadas
Com o Guapéva a feder
Um presépio avacalhado
Certamente vamos ter

Simão



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**
IMPRESSOS
EM GERAL

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PAÑSERVIÇOS
Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2ª FEIRA

Propriedade da **Editora Japi Ltda.**
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: **Celso Francisco de Paula**

Capa e ilustrações: **Décio Denardi**

Oficinas Impressoras: “**Cruzeiro do Sul**”
R. de São Bento, 245 — Sorocaba
Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

E os homens?

Fora da lei

Ibis Mauro Pereira da Cruz, abusando do cargo de prefeito, mandou destruir as figueiras da Praça da Bandeira.

Agiu fora da lei.

Transgrediu a lei nº 1.631, decretada pela Câmara Municipal em sessão realizada no dia 22 de outubro de 1969, promulgada pelo prefeito Walmor Barbosa Martins no dia 28 de outubro de 1969, cujo texto diz: **ficam declaradas "IMUNES DE CORTE" as figueiras existentes na Praça Estevam de Siqueira e na Praça da Bandeira**".

Burlou uma lei e desrespeitou uma tradição da cidade que não é dele — e talvez nisso, no fato de se tratar de um forasteiro, esteja a explicação para o seu descaso por essa e outras coisas desta terra: ele está aqui de passagem. "Para fazer a América", diria alguém do tempo em que as figueiras eram mais novas.

Baseado em que esse homem se atreveu a tanto? Em coisas discutíveis, como discutível tendo sido quase tudo quanto ele apregoa como certo: a primeira, o "progresso", uma estação rodoviária provisória, desde já obsoleta — e para isso ele matou duas árvores centenárias; a segunda, um laudo "técnico" de um jovem agrônomo que morrerá muito antes que as frágeis mudas das plantas que ele trata ganhem a proporção das árvores centenárias por cuja eutanásia ele responderá, um dia.

Então, dois homens apenas, um forasteiro e um ingênuo, destroem um patrimônio histórico? E ninguém se opõe?

Nós nos opusemos, sempre nos opomos a qualquer tipo de desmando.

Mas nosso protestos foram "tão tímidos que nem chegaram a impressionar qualquer parcela da opinião pública", segundo o editorialista do "Jornal da Cidade" (7/1/76), por quem, a partir de agora, teremos o maior desprezo — porque a inteligência, que não lhe negamos, se torna uma arma vil, quando acabrestada, submissa, posta para criar sofismas do tipo "revoluções urbanas da atual administração" ou "E os botânicos, que solução dariam?". É lamentável ser esse um dos homens a quem está entregue a tarefa de "impressionar a opinião pública". Lamentável.

Mas, acima dele, está o mandatário, a cujo simples estalar de dedos (estalar ou friccionar?) um técnico, um jornalista (ou muitos?) se põem a serviço. E é contra esse mandatário, esse transgressor de lei que levantamos nosso protesto, na esperança de que esse gesto sensibilize pelo menos a minúscula parcela da opinião pública, as por si mesmo nomeadas "força vivas" (ou "muito vivas"?) desta infeliz terra.

Quanto ao transgressor, que a História se apiade da sua trágica memória.

Quando nos aproximamos a um pleito eleitoral os partidos políticos começam a viver um problema dos mais complexos, qual seja o de selecionar os nomes e indicá-los à Convenção.

É comum ouvir-se que meia dúzia de elementos é que decidem e apontam os nomes para os eleitores votarem. Não é bem assim, porque as cúpulas partidárias são escolhidas pelos membros do partido e todos os eleitores têm o direito de se inscreverem. E é tarefa da cúpula realizar esse trabalho preparatório. Isso de acordo com a lei eleitoral e os estatutos partidários.

Não seria na realidade um trabalho muito difícil se não surgissem problemas dos mais intrincados.

Muitos políticos ou mesmo futuros próceres começam a mexer os pausinhos na busca de uma possibilidade. Acontece quase regularmente que os insinua-dores de seus nomes por si ou por terceiros, não são os mais indicados, à vista de vários fatores que devem ser analisados.

Uma das dificuldades é equacionar o problema de modo a atender aqueles filiados que desejam se candidatar. O número é sempre muito maior do que as

vagas existentes e é preciso muita habilidade dos dirigentes para esclarecer que não há lugar para todos e as restrições que naturalmente se dão, causam máguas e às vezes inimizades, incluindo o fato de mudanças para outro partido.

Por outro lado, na vida real, como se diz, não há a hipótese de os dirigentes partidários saírem à procura do melhor candidato, ou dos melhores, sob o ponto de vista exclusivo da capacidade, honradez e preparo para a vida pública.

E isso se explica facilmente: Em primeiro lugar porque não adianta ir atrás do melhor, porque simplesmente o **dito cujo** não aceita, não quer saber de política e muito menos de políticos. Os que acreditam nessa possibilidade podem, desde já, fazer a experiência, pesquisem, procurem e se conseguirem um bom nome que reúna todas as qualidades para um bom Prefeito, por exemplo, cheguem até os dirigentes partidários e dêm a **dica**.

Em segundo lugar, porque há o fator político propriamente dito, que quer dizer: entra-se numa campanha para vencer. Se não der paciência, mas tem que ser para valer. E para

vencer uma eleição nem sempre será com o melhor e mais capaz cidadão e sim com aquele que reúna além de suas qualidades pessoais as eleitorais. Numa campanha só há um objetivo, como dizia brilhante homem público, **quem está por cima não quer descer e quem está por baixo quer subir**. Não há que fugir disso e aqui é que pega o carro.

Digamos, para exemplificar, que um dos partidos escolha três cidadãos dos mais dignos, capazes e que aceitem a missão e o outro partido reúna três nomes, de **cidadãos votos**, isto é, de pessoas já testadas, com vivência política. O que acontecerá?

Está na cara que vencerá o mais popular e o mais popular nem sempre é o melhor. O ideal será conseguir candidatos populares e bons.

Alinhemos essas considerações porque é comum responsabilizarem os partidos políticos pelo fracasso de certas pessoas que se elegem e pelo descontentamento que desencantam cada vez mais o eleitorado.

Pensamos que as cúpulas partidárias não poderão ser responsabilizadas quando os eleitores decepcionam no exercício do cargo.

especialmente no regime das sublegendas quando são várias as opções.

O eleitor escolhe aquele que melhor imagem conseguiu transmitir na sua campanha ou pelo seu passado de idamente analisado ou muito simplesmente porque lhe pediram o voto. O partido não iria indicar e registrar um candidato sabidamente incapaz e desonesto. Muitos revelam-se no poder e ao povo só resta esperar por outra eleição.

Alguns destacam-se crescendo no conceito dos seus concidadãos. Outros aproveitam a oportunidade para mostrar a outra face, aquela que era desconhecida. Outros partem direto para o enriquecimento ilícito e para a corrupção. Outros ainda tratam o dinheiro público como se lixo fosse, num verdadeiro deboche, afrontando a tudo e a todos.

Enfim são ossos do ofício. Por mais que as agremiações partidárias se esforcem, jamais poderão garantir o que vai dentro da cabeça dos candidatos.

Temos a obrigação, no entanto, de ser otimistas, por isso vamos fazer um voto: que sejam escolhidos bons candidatos, honestos, capazes e respeitadores das leis e dos homens.

É falta de critério e de vergonha

O prefeito Ibis Cruz, cego a surdo às observações populares, continua dissipando o dinheiro do erário em regábofes nos restaurantes da cidade.

E pelo que se vem constando, não faz a menor economia, quer no número corporificador da curriola epicurista, quer no menu e no regado.

Só mesmo na próxima legislatura é que vamos ter o ensejo de saber a quantos somam os milhões gastos com as patuscadas oferecidas pelo sr. prefeito aos seus ajudantes mais diretos engrossados pelos seus acólitos da Câmara Municipal.

Segundo informes solicitados por um vereador desgarrado da turma do "come-quieto", em apenas três meses a Prefeitura pagou nada menos de 37 mil cruzeiros só em comidas e bebidas!

Por aí se pode imaginar a quanto subirá a conta dos comes-e-bebes, nestes quatro anos de governo... ou desgoverno.

São cegos, paralíticos, miseráveis e outros infelizes engrossando a relação dos contribuintes do erário para pagar as sortidas intermitentes da curriola oficiosa às casas de pasto.

E o fazem da maneira mais acintosa e

tripudiante da objurgatória e da crítica, com a publicação de vistosos clichês onde se os vê deglutindo sofregamente o dinheiro do povo.

A imprensa vitupera quando os elogia como funcionários "dedicados e eficientes", já que seus integrantes são uma espécie de híbrido com aqueles, isto é, são "chupetas" também.

O sr. prefeito pendurou-os todos em cargos ociosos criando, dessarte, uma confraria de aduladores à borda do coxo. Daí o entender-se que o sr. prefeito precisa conscientizar-se de que o dinheiro carregado

pelo contribuinte aos cofres da Prefeitura não está destinado, nem mesmo em parte, aos bródios de "confraternização". Como toda gente sabe e proclama, deve ser aplicado em obras públicas de caráter prioritário, o que não vem acontecendo.

Esse amancebamento entre o prefeito e a imprensa mais seus "cupinchas" de primeiro escalão, mais vereadores e outros, seria até muito sociável se a respectiva conta fosse quitada pro-rata.

À custa do povo, não.

É falta de critério e de vergonha.

Elcio Vargas

ZONA FRANCA

O leitor escreve, comenta e opina

QUEM DIRIA?

Sr: Tenho duas coisas a dizer. Primeiro, precisei procurar no dicionário a palavra **dendroclasta** porque realmente, não sabia o que significava. De parabéns o jornal por ter a coragem de falar aquilo que é certo, enquanto muitos se calam com medo. Além disso, fiquei muito chateado quando vi, em editorial no **JC** do dia 7, o querido professor Brandão a favor do assassinato das figueiras. O que mais me impressiona é a citação de que as figueiras estavam "apodrecidas,

minadas pelos cupins" e "morriam em pé". Além disso o professor disse "que é tempo de progresso e as árvores darão lugar as "remodelações arquitetônicas".

Diante disso (quantas mentiras) é de se espantar a mudança radical, daquele que foi um dos melhores — se não o melhor — professor do Instituto. Quem diria, professor. Que é isso? Sinal dos tempos modernos onde as reformas não dão lugar às recordações?

Luiz Cardoso

Cadê os livros?

Sr: Sou estudante e tenho dezessete anos. Estou residindo em Jundiá desde o dia 14 de novembro último, porque meu pai foi transferido pela firma onde ele trabalha para esta cidade.

Antes eu morava com minha família em Rio Claro.

Há dias um vizinho meu emprestou-me um exemplar desse "Jornal de 2ª" e achei muito legal.

Resolvi mandar esta cartinha para que vocês enviem algum repórter para verificar que na Biblioteca Pública Municipal não tem os livros mais quentes que a gente pede para ler. Não tem os livros que vocês escrevem dizendo que é bom e não tem também os livros novos que a gente vê na livraria. As minhas colegas

contam que já leram **O Tubarão, A Laranja Mecânica, Casos de Amor, Teje Preso, O Pequeno Príncipe**, e outros livros, porque elas são sócias do Gabinete de Leitura Ruy Barbosa, mas eu não tenho condições de ficar sócia e pagar jóia a mensalidade.

Eu acho que a Biblioteca Pública Municipal deveria comprar os livros que estão nas revistas e nos jornais como os mais vendidos e como os que são melhores atualmente, e os livros que tem na biblioteca são muito antigos e eu gosto de leitura moderna, tanto de romances como de contos modernos porque os contos de Machado de Assis eu li, achei muito tristes e me fazem ficar de fossa.

Dulcinéia de Mello França

ADEUS!

Sr. Como estive presente, terça-feira à noite, na praça da Bandeira onde, criminoso e cruelmente, se derrubava uma velha árvore, me comovi até as lágrimas, e, ao voltar para minha casa, escrevi uma crônica que anexo a esta como colaboração a esse "Jornal de 2ª"

VELHA ÁRVORE

Hoje à noite, comovido, assisti à tua derrubada. Senti a mesma dor que tu sentiste.

À sombra de tua frondosa copa, abrigaste, com tua sombra secular, muitos transeuntes, crianças, casais de namorados, que, hoje, muito possivelmente, já são avós, bisavós e tataravós.

Tú, que durante tua existência só deu amor, recebeste, em troca, ingratidão. Mas os homens são quase sempre assim. Os velhos, frequentemente, são esquecidos, abandonados e desrespeitados para dar lugar às coisas novas e à juventude.

Mas, velha árvore, morreste de pé, como morre o Herói na batalha. Velha como eras, tú nos fazias lembrar o passado glorioso dos bandeirantes, que, à tua sombra, descansavam antes de prosseguir na conquista de nosso amado território brasileiro.

Enfim, como todos nós, seres humanos, o teu dia chegou, deixando, para nós todos uma saudade e melancólica recordação dos tempos em que Jundiá era uma cidade mais verde, mais colorida, mais cheia de graça: a graça de tua presença.

Adeus minha querida e velha árvore, que durante quase dois séculos, abrigaste à tua sombra, os operários que, sentados debaixo de tua copa magestosa, comiam o almôço das suas marmitas.

Adeus, mais uma vez, meu sincero e doloroso adeus. Eu, velho como estou, sinto dentro do meu peito a dor e a angústia de te ver derrubada.

Um dia, quem sabe, as mentes criminosas que armaram as mãos dos que te sacrificaram por te acharem velha, podre e inútil, pensem, com remorso, no vandalismo que praticaram, e, dessa forma, se penitenciem.

Esse dia, minha Velha Árvore, será o dia do teu Juízo Final.

Paulo Melo
Rua Samuel Martins, 1.971.

VELHAS ÁRVORES

Sr. Diante do corte das velhas árvores existentes na Praça da Bandeira, parece-me interessante que o seu jornal publicasse a título de homenagem ao sr. Alcaide, a bela e oportuna poesia de Olavo Bilac, intitulada "Velhas Árvores":

VELHAS ÁRVORES

Olha estas velhas árvores, mais belas
Mais belas do que as árvores novas, mais
amigas:

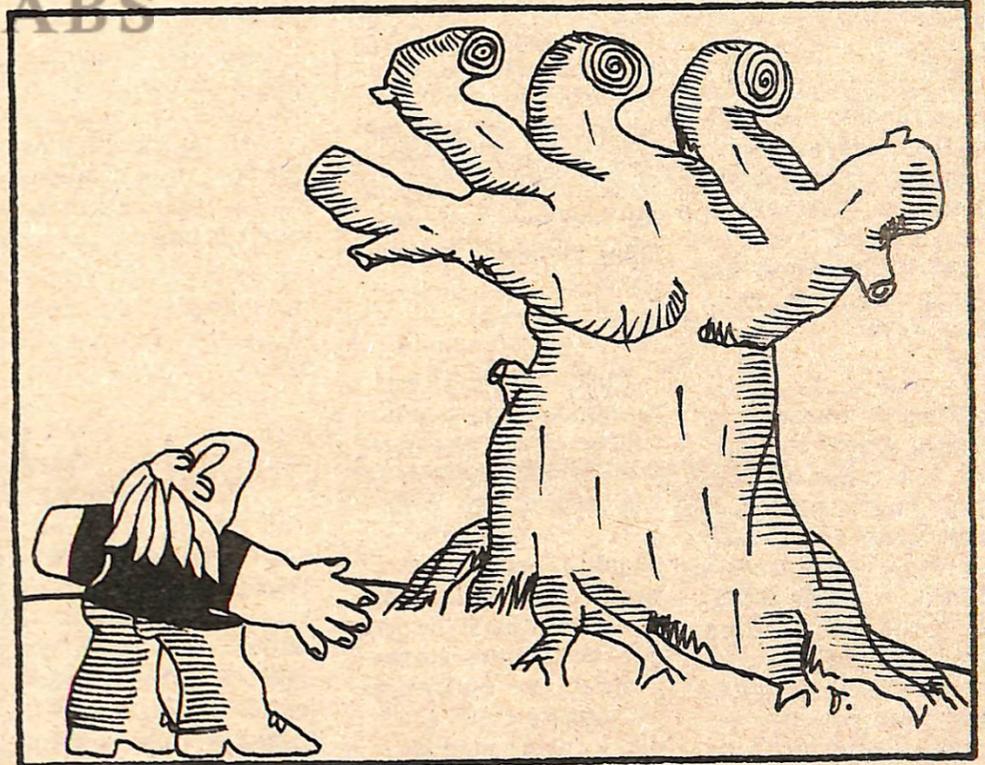
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, e o inseto à sombra delas
Vivem, livres de fome e fadigas;
E em seu galhos abrigam-se cantigas
E os amores das aves tagarelas

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem

Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!
Agradecendo a atenção, fica o leitor de
sempre, estudante Julio da Silva Morales.

DÉCIO



Leia
e
assine
o
Jornal
de 2ª

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE
OS
PREÇOS
SÃO
SEMPRE
OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL



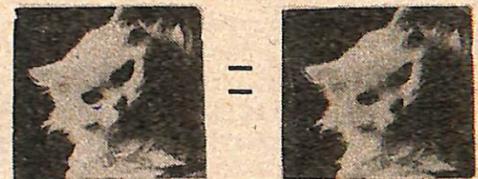
revendedor autorizado
em Jundiá:

COMERCIAL

PANIZZA
LTDA.

BARÃO-427
FONE: 6-8231

FOTOCOPIADORA MALTONI



nós temos o melhor serviço
de xerox da cidade.

rosário, 618 - tone: 6-8460

OS FILHOS DA PAUTA

Depois da janta eram as estórias sempre repetidas e por isso já meo desenjavadas, de coisas acontecidas, de antanho. Acontecidas de inventiva de alguém ou os assucedeu-se colhidos de oitiva. Eram patacoadas sem fim, potocas de almas penadas e de "mal feitos". Fulana que não gostava de fulano; e fulano procurou nha Idalina que era prima-irmã do Tinhoso. Pois foi só trazer um fio de cabelo da fulana e nha Idalina deu volta ao "causo". Fez suas rezas, suas velas, seus sapos e pronto. Por arte do demo Fulana caiu num amor de perdição pelo fulano, amor-paixão qu'era fogo só, consumindo-se a dona num penates de entrega total, rolação no cafezal, despropósito de despudoramento numa moça qu'era "inté onte", uma filha de Maria.

Podia-se compreender estapafúrdio maior, amor mais sem jeito, arranjo mais impossível? Tudo de cambulhada, iam de mistura crucifixos, velas bentas, sapos, santos quebrados, bonecas afimnetadas e até a imagem do "malino", um homem de cara de mau, chifrudó, pés em forma de cascos, rabo comprido com uma seta na ponta. Por mais religioso que se fosse, todos tinham medo do "mal feito" e terror respeitoso por nha Idalina.

Inimigo dela era desgraça na certa. E as sessões espíritas? Ninguém estava livre delas. Depois da missa de sétimo dia do falecido, era certo vir o convite pra sessão na qual o finado diria suas últimas instruções. E como a viúva era muito susceptível, não resistia, entre temerosa, curiosa e penitente. Agora o finado sabia tudo, até aquelas coisas que tinham estado sepultadas até a boda de prata; até seus desejos e aquele enleio aflito que sentia quando, na dança da catira, pegava na mão do compadre Sôza, aperto de mão tão bom, aquela mão buliçosa que só faltava falar... Que só faltava o que, falava qu'era um gosto. E ela ficava tudo molhada, aquele suor de aflição tão grande... Agora o finado sabia de tudo, até dos olhos do Serapião, "zoia-da" mais marota tava pra existir... E ela? Depois de sustentar a "zoia-da" dele baixava as palpebras, "zoiô" no chão, de mulher recatada, já se viu disfarçamento grande assim? Agora o finado sabia... Mas tinha que ir na sessão, se acontecesse o "piô" tinha que se lavar em lágrimas e jurar fide-



lidade eterna de viúva pura, gasta e meo pobretona. No entrar na sala penumbrosa da sessão sentavam-se em volta da mesona, onde já começava a oração pela Dona Odete, a "mêdia" espírita que parece que vivia em transe permanente. Como é que todo mundo era nha e nho e Odete era Dona?

Mistério mais misterioso qu'este, só da Santíssima Trindade. E começava. Voz baixinha, sussurrada, — vinde espírito meu, fale, vinde... — não tinha fim aquele resmungo, davam-se as mãos, orações e daqui a pouco a voz do finado, lá do fundo, cavernosa, dizendo que estava bem, que rezassem por ele, que ele estava com o seu espírito de luz — aí que bom, não perguntava nada, sabia de tudo mas compreendia tudo, e a viúva ia simbora contente, o finado tava bem. Orar por ele, quem melhor do que padre Damião? Acho que isto era ecumenismo sem que se conhecesse a palavra. E a viúva enquanto encomendava a missa de trigésimo dia não podia conter seu pensamento — epitáfio:

— Zé era muito bão, mais cum perdão da má palavra, as velas el' era bem merdoso... que o pobre descansasse em páis... (e duas lágrimas, as últimas duas, sepultavam de vez o falecido, que viúvo é quem morre...).

E o padre Damião sabia? Sabia. Sabia de um tudo, nada lhe escapava. Padre as direitas, penitencioso como ele só, bom de meditação, ele e seu burro "Limão", os mais queridos da vila, cada um mais coiceiro do que outro quando se lhe bolliam onde não devia. Uma vez por mes tinha serão diferente no stio, quando o padre Damião quebrava o seu jejum de trinta dias.

Serão sem potocas, sem os "assucedeu-se" sem

provelto. Proseando como quem não quer nada, ia assuntando e ensinando. Nos serões domésticos ou no púlpito da igreja... Uma prosa puxa outra, antes que m'esqueça vou contar um pedacinho disto que não existe mais: Que mal lhes pergunte, ocells sabem o que é púlpito? Sabem. E o Damião subia lá, de batina e alva; usava de todas as entonações de voz. Fosse ela retumbante, calma e pausada, ou cicicante, era ouvido em qualquer canto da nave, do atrio ao batisteiro, até na capela do Santíssimo. Gestos amplos, bracejando no ar, falando com as mãos, ah! suas mãos, quanto diziam ao completar as frases!

Voltemos ao serão. Sua prosa era sempre de mostrar que além das nossas cercas havia um outro mundo e que a verdade era um bem móvel e que não devíamos ficar estaticos dentro de nós mesmos.

Difícil de entender no começo. Mas um dia meu pai e Faustão (que gostava de, junto com a Raquel, frequentar os serões na nossa casa) descobriram o nó da amarração.

— Seu padre, mecê qué dizê que nós deve percurá uma vida diferente? Que jeito?

— Tanta coisa. Em vez de conversarem, por que não se pratica leitura? Ao mesmo tempo que aprendem mais praticam a ler.

— Livro de reza?
— Livro de reza não. Vocês já sabem de cor e não adianta nada. Outra coisa poderle ser a música.

— Musca? Maria José sabe musca (virando pra minha mãe) Vancê inda sabe?.

— Sei. Só solfejo.
— Então — tornou o

padre — vocês gostam de cateretê, moda de viola, chegança, tudo de ouvido, porque não aprendem alguma coisa de musica?

— O'ra já se viu — falou meu pai — não gosto de viola. Viola, vara de pescá e galola de passariño é ferramenta de vadio...

Faustão que ficara na moita, zioa brilhando de interesse, entrou na prosa:

— Não é só viola que hai. Tem outras coisa...

Resultado: Minha mãe começou como mestra de música. Tres alunos. Meu pai, meu irmão "Lesma", Faustão. Depois cinco. Mais Raquel e meu outro irmão "Zé Padre".

Pautas, clave, do ré mi. Solfejos. Tempo. Binário, ternário, quaternário. Dó-ó, Fá-a, Sol-si...

As brincadeiras de minh'avó: Era uma veis dois minino, um pr'a cá e outro prá lá do rio. O de cá perguntou:

— Do ré mi, fáz sol lá?
...e o de lá respondeu:

— Si...

Neste ponto minha mãe começou a encalhar. Seu conhecimento musical tava no fim. Padre Damião, que seguia o ritmo com entusiasmo, resolveu a questão.

— Pois trago o Professor Raimundo que é organista...

E trouxe. Posso fazer outra pausa? Tá bom.

Vocês já notaram que certos homens tem o timbre de voz igual a da sua profissão? Por exemplo: o boladeiro tem voz de bol. Quando ele fala na sua boiada ou no bol eirado, sua voz muge que nem bol: o som vibrando fundo no gargumillo tremelicante. Quando fala

como se fosse o próprio instrumento.

Donde será que veio o mestre-escola Raimundo, o organista? Solteirão, macambuzio, zolhos sonhadores, poeta, donde viera ele? Um dia eu contarei.

O fato é que minha mãe, de professora virou aluna também. E os conhecimentos engrossaram.

Pausa, semi-pausa, mínima, seminima, colcheia, semi-colcheia, fusa, semi-fusa, sustentados, oitavas, mais solfejos mais compassos.

Estava na hora dos instrumentos. Tinha a banda de música da vila, banda do "nho Belardo", não conviria escolherem instrumento pra transformar música teórica em música de verdade?

Por hoje chega. Depois eu conto o que aconteceu. Mas prá encerrar por hoje, Vosmecels já notaram que os administradores executivos e legislativos desta cidade tocam instrumento sem conhecer música, sem partitura?

O Bartimeu

JUNDIAI CLINICAS



LOCAIS DE ATENDIMENTO

UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE ANCHIETA

Rua Padre Anchieta, 476
Fone: 4-2454

UNIDADE RANGEL

Rua Rangel Pestana, 222
Fone: 4-1001

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL

SANTA RITA DE CASSIA
Praça Rotatória, s.n. — J. Messin
Fone: 4-1666



Paulista F.C.

50 anos de glórias (14ª Parte)



Desde o início de sua gestão em 1922, a diretoria encabeçada pelo sr. José Cassalho Júnior esteve empenhada ativamente no levantamento de recursos com vistas à realização de uma nova reforma no campo da Vila Leme. Esta reforma efetivamente se concretizou, porém não sem grandes dificuldades, muito trabalho, imensa coragem, força de vontade e persistência dos homens que tomaram para si tal empreitada.

Os pedidos de auxílios foram feitos e muitos atenderam ao apelo da diretoria do tricolor. O proprietário da Cerâmica Santana, de Valinhos, enviou quatro mil telhas e 350 cumieiras para a cobertura das arquibancadas; a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, mais uma vez, fez-se presente com valiosa ajuda, contribuindo para que o campo tomasse ótimo aspecto, como se conservou até a mudança para o Jardim Pacaembu. Em agradecimento a mais essa ajuda da Companhia Paulista, o presidente Cassalho Júnior endereçou ao Engº Francisco Monlevade, em 8 de abril um ofício onde assim se expressava:

"Tenho a honra de acusar o recebimento do ofício de V. Excia., comunicando haver a digna Diretoria da Companhia Paulista concedido gratuitamente o material destinado à nossa praça de esportes. O Paulista Futebol Clube agradece de joelhos a concessão de um favor tão relevante, sem o qual não lhe seria possível levar avante os projetos de melhoramentos que lhes virão dar uma posição de destaque e de ver-

dadeiro brilho no esporte do interior."

O Mosteiro de São Bento também favoreceu o Paulista na consecução de seus objetivos, reduzindo-lhe, na época, em 50% o débito proveniente do foro a que estava sujeito, o terreno onde se situava sua praça esportiva, ao Revmo. Abade Dom Miguel Crugeel foi também enviado, por esse motivo, um ofício de agradecimento.

Terminada a reforma, com as novas arquibancadas, novo nivelamento do gramado, grandes arcos ao seu redor, tratou-se da inauguração, sendo esta realizada em 8 de outubro de 1922, com grande solenidade, bem como a presença do Palestra Itália para uma partida com o Paulista.

Árbitros — Todos os clubes que disputavam o Campeonato do Interior, nessa época, tinham por obrigação fazer a indicação de três juizes, pois a APEA não contava com um quadro organizado de árbitros para o interior. Os nomes dos apitadores jundiaenses indicados pelo Paulista para as partidas desse Campeonato, em 1922, foram: Augusto Bueno de Miranda, José Camilo e Tancredo Siqueira.

Jogos amistosos — Com uma parte do ano tomada pelo Campeonato do Interior e com as reformas no campo, o Paulista pode realizar apenas dois jogos amistosos nesse ano: uma com o Palestra Itália, na festa de inauguração do novo campo, e outra contra o Santos, na cidade

praiana, onde venceu por 2 a 1.

Outro ano — A 15 de janeiro de 1923 foi empossada a nova diretoria do Paulista, estando ela assim constituída: José Adrião Cassalho Júnior, presidente; Olímpio Arruda, vice-presidente; Miguel Basile, 1º secretário; Amadeu Ribeiro, 2º secretário; Amadeu Guerazi, 1º tesoureiro; e Jorge Marcos, 2º tesoureiro.

Nesse ano o Paulista disputou os seguintes jogos amistosos: com o Corinthians Jundiaense, em 5 de maio no campo deste e no dia 10 de junho em seu campo, com renda dividida entre os dois clubes; duas partidas com o E.C. Sirio, sendo uma aqui e outra na Capital; outra com a A.S. São Bento, na época um dos grandes clubes da 1ª divisão; com o E.C. de São Carlos, em 22 de abril, naquela cidade, na cidade de Taubaté, em 14 de julho, onde o tricolor compareceu pela importância de 1.200 cruzeiros, mais hospedagem (por exigência do Paulista, esse jogo foi apitado por um árbitro oficial); com o Internacional de Bebedouro, em 28 de outubro, naquela cidade; e com a A.A. Palmeiras (não confundir com S.E. Palmeiras), em 16 de dezembro, nesta cidade. O Paulista ainda teve convite para diversos outros jogos, em Franca, Bauri e Agudos, não lhe sendo possível, porém, comparecer a essas cidades.

Sócios Beneméritos e Honorários — Na mesma assembléia em que se deu a posse da nova diretoria do

Paulista, foram declarados sócios beneméritos do clube, pelos relevantes serviços que prestaram a ele, os seguintes cidadãos: Olímpio Arruda, Dr. Benedito de Godoy Ferras e Dr. Jayme Cintra. E também foram declarados sócios honorários os srs. Olinolfo Barbosa, Ricardo Malvasi, Emilio Lordelo, Jaime Olivato, Américo Bertolini e Frederico Fuller.

Juizes para o Campeonato — O Paulista indicou à APEA nesse ano, para comporem o quadro de árbitros do Campeonato do Interior, os srs. Américo Bertolini, Antonio Giovanni, José Camilo e Adelino Castro Vilar. Deve se ressaltar que esses juizes nada ganhavam, porém tinham todas as despesas pagas pelo clube da cidade em que iam apitar.

O conceito do Paulista — Embora não nos tenha sido possível levantar a campanha do tricolor no Campeonato do Interior de 1923, vários fatos atestam que o mesmo continuou nesse ano com grande fama em todo o Estado. O Indaiatuba F.C., por exemplo, enviou-lhe um ofício no dia 6 de novembro com as mais elogiosas referências, declarando mesmo ser o clube jundiaense o primeiro do Interior do Estado. A "Estampa Esportiva", jornal especializado em esportes, em 26 de novembro pediu vênias ao Paulista para publicar a sua vida esportiva, em matéria fartamente ilustrada.

Estaremos tratando, no próximo número, de mais um ano da vida do Paulista F.C., quando ainda continuava seu presidente o sr. José Adrião Cassalho Júnior.

José Faggiano Júnior

Este jornaleco, ao iniciar o ano, dá de presente aos seus leitores a possibilidade de efetivar o grande sonho: fazer treze pontos na Loteria Esportiva e ficar **Mironário**. Entretanto, não se esqueça de realizar uma visitinha para a gente e deixar aqui parte da "grana" **Jogo 1 Cruzeiro X Atlético**: A linha dura implantada no Cruzeiro, com medo da desvalorização de seus jogadores, fatalmente o levará à derrota. **Coluna dois**.

Jogo 2: XV de Novembro X Ponte Preta: O meio de campo do XV — Bico Largo, Pé na Canela e Ferradura — não dará chance para a Ponte. **Coluna um**.

Jogo três: Comercial X Marília: O Marília viajará de ônibus por uma estrada esburacada no dia do jogo, o que certamente fará com que seus jogadores sofram problemas de nervos e fiquem psicologicamente abatidos. Afinal, jogador precisa ser bem tratado. **Coluna um**.

Jogo quatro: Ferroviária X Botafogo: Devido a problemas salariais a Ferroviária quer perder. Acontece que o Botafogo não recebe há seis meses. Jogo duro. **Coluna do meio**.

Jogo 5: Vitória X Desportiva: O goleiro do Desportiva casou semana passada e não tem reserva. 5 a 0 para o Vitória. **Coluna um**.

Jogo 6: Juventus X Palmeiras: Palmeiras, jaboticabeiras e figueiras não estão "com nada" nessa época do ano. Se fosse o jogo em Jundiaí, seria coluna um estourado. Mas como é Santa Catarina, **coluna do meio**.

Jogo 7: Fortaleza X América. A "pressão" que a torcida do América exercerá será incrível. Já foram freadas 30 jardineiras. Na cabeça. **Coluna dois**.

Jogo 8: Tuna Luso X Tiradentes: Minha empregada disse que Tuna Luso não é nome de time de futebol. Pode ser nome de bloco de carnaval. Segundo ela, **Coluna dois**.

Jogo 9: Pinheiros X Coritiba: Foi-me contado, confidencialmente, que o primo do tio de um certo Juca, que é vizinho da filha do cunhado do goleador do Pinheiros, está com problema renal. Óbvio, o Pinheiros não fará nenhum gol. **Coluna dois**.

Jogo 10: Colorado e Atlético: As cores verde e rosa da camisa dos jogadores do Colorado ofuscarão os olhos do time adversário. Os 22 jogadores, chutarão a bola na mesma trave. **Coluna um**.

Jogo 11: São Cristovão X Bonsucesso: O artilheiro do Bonsucesso fugiu com a irmã do goleiro do São Cristovão. Problemas emocionais nos dois times. **Coluna do meio**.

Jogo 12: Bangu X Madureira: Pior que briga de foice. O governador do Rio está pensando em suspender a partida, pois sabe-se que os dois bairros estão se armando com bombas de efeitos morais. Jogo prá sorteio.

Jogo 13: Campo Grande X Olaria: Nos bastidores do futebol, fala-se que o Campo Grande contratou Baltazar, o "cabecinha de ouro" e o não menos famoso Bauer, que era do São Paulo. E vitória certa. **Coluna um**.

passagens aéreas e excursões

NACIONAIS E INTERNACIONAIS

informe-se com seu Agente de Viagens

ABITE TURISMO LTDA.

Rua do Rosário, 585

Fones: 6.1530 e 4.3922



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

CONCERTOS
DE
TV, RÁDIOS
E TAPES
ELETRÔNICA
ANZOLIN
rua marechal 533
telefone 6.7683

MUDANÇA?
IRMAOS VIEIRA
TRANSPORTAM VEICULOS
7000 7000
FONES 4.0229 - 6.5086

NOVIORDE/
Charme
CALÇADOS
ROZARIO 626

DECIO DENARDI
desenhos
anúncios
jôhnetos
logotipos
r. dos bandeirantes, 683

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO

causas cíveis
e criminaes
DRs.
barão, 1041. 29 a
fone: 4.3566

Escritório
de
Advocacia
dr. ademercio
lourencao
dr. alcimar
de almeida
dr. francisco
v. rossi

ADVOCACIA
Dr. André Bonassi
Dr. Randal J. Garcia
ESCRITÓRIO
RUA BARÃO, 873
TELEFONE 4.3685
JUNDIAÍSE

O Exorcista

Se me permitem, vou lembrar meus tempos de crítico de cinema do extinto *Diário de Jundiá*, que Deus o tenha.

Vamos lá:

"Aproveitando a onda mística dos primeiros anos da década de 70, William Peter Blatty conseguiu abalar o mercado editorial norte-americano trazendo à tona as maquinações do demônio numa novela literariamente pobre mas bem estruturada e recheada de componentes ricos de fascínio para o consumo das grandes massas.

Usando ingredientes **picantes** como o sobrenatural e um pouco de cru erotismo, Blatty conseguiu dosar bem em sua novela o tradicional maniqueísmo, fazendo com que ao final o bem triunfasse sobre o mal, condição primordial para o sucesso editorial de "O Exorcista".

Transformado num tonitroante **best-seller**, não existia matéria prima melhor do que essa para Hollywood empregar suas cores e seus truques.

Produzido pelo próprio Blatty, que também fez o roteiro da sua novela, e contando com a direção pouco brilhante e criativa mas artesanalmente segura de William Fredkin, "O Exorcista" transformou-se em grande sucesso de bilheteria, batendo recordes de público e de desmaios.

Talvez mais do que por suas próprias qualidades, "O Exorcista" fez sucesso por causa da grande reação em cadeia de histerismo que provocou por onde ia sendo exibido.

A história é bastante conhecida: Regan, uma criança de 12 anos interpretada por Linda



PS — Para ser honesto, não vi o filme nem li o livro.

Precisava?

PS II — Os nomes citados estão nos jornais.

Blair, começa a dar sinais de estar possuída por um ser estranho. Dois padres, Merrin e Karras são chamados a lutar contra a possessão demo-

níaca, e ambos acabam morrendo em sua função libertadora. Mas o demônio é derrotado, e depois de uma série de convulsões, gritos, vômitos verdes e pala-

vrões, a menina é libertada e o demônio, derrotado, expulso de seu corpo.

O filme foi inteiramente aprovado pela Igreja Católica, porque está inteiramente de acordo com sua ortodoxia: o demônio existe, é mau, e deve ser combatido. Por isso, muitos religiosos chamados a dar seu aval para o filme, exorcizaram o demônio das "cenas fortes" e o aprovaram.

Na versão cinematográfica, Friedkin conseguiu manter-se fiel ao espírito do texto original, e contou com a categoria do velho ator Max Von Sydow para fazer do padre Merrin a figura psicológicamente mais densa do filme, e sem dúvida a mais marcante. As cenas mais sensacionalistas tiveram um exemplar tratamento sensacionalista, o que é perfeitamente justificado pela urdidura da trama. A figura de Regan, a menina, interpretada corretamente por Linda

Blair, não mereceu um maior aprofundamento psicológico, porque o autor preferiu reservar seus requintes para compor os personagens dos dois padres e do tenente Kinderman (o competente Lee J. Cobb).

Enfim — "O Exorcista" não decepcionará aos apreciadores do gênero e aos que estão em busca de emoções "fortes", desde que se contentem com o artificialismo na construção dessas emoções. Um filme nem bom nem ruim, nem muito pelo contrário.

Infelizmente, deve ressaltar-se que a tradução dos diálogos e das imprecações da menina Regan, quando possuída pelo demônio, não foi fiel. Mas isso, de resto, é um defeito comum de todos os tradutores de filmes estrangeiros no Brasil, principalmente quando eles temem que algo possa ferir os ouvidos sensíveis de nosso público".

Sandro Vaia

Plantão

Código Penal, artigo 121: Matar alguém... Pena:...

Há poucos dias, na aprazível e altaneira cidade de Campinas, um procurador da Justiça foi absolvido (segunda vez) pelos jurados locais. Entenderam os senhores jurados que o senhor procurador não poderia ser condenado só porque matou a esposa com 11 punhaladas pelas costas, de acordo com a descrição do competente laudo do Instituto Médico Legal que averiguou a **causa-mortis**.

A saída, o inocente cidadão foi abraçado pela filha e declarou estar preocupado, tão somente, em iniciar nova vida.

Há alguns anos, como se recorda, a professora Margot Proença Gallo, foi morta a punhaladas,

em sua casa, pelo seu respeitável e honrado marido. Ele chegou, deixou uma perua na porta, esperando com o motor ligado, e foi desferindo as punhaladas. Margot tentou, desesperada e inutilmente, escapar da morte, sucumbindo com os sucessivos e contundentes golpes.

Entretanto, a crueldade do crime, longe de sensibilizar os jurados pela condenação, provocou — muito pelo contrário — uma onda de simpatia pelo criminoso. Quer dizer: a mulher não prestava, flertava com um certo professor francês que dava aulas de piano, até uma cartinha havia sido interceptada, etc. Enfim, estaria caracterizada aquela tese definida como "legítima defesa da honra".

Quer dizer: em defesa da honra pode se matar tranquilamente. Isso,

antes mesmo do julgamento do ilustríssimo senhor doutor procurador havia sido patenteado em vários jurís populares. Ao mesmo tempo em que essa tese, nada jurídica, afronta o artigo 121 da lei dos homens, apunhala o item 5 do Decálogo de Deus entregue por Moisés aos homens.

E como é que ficamos? Ficamos assim: no novo Código Penal, a figura do adultério, atualmente tipificado como crime, desaparecerá. No caso do júri de Campinas, tínhamos insinuações, acusações, lama num ventilador em alta rotação, salpicando o comportamento daquela que não mais poderia se defender.

Pouco me importa a figura do senhor doutor procurador. O que me preocupa é que, em pleno século XX, a barbárie é justificada por júri popular como um "ato nor-

mal". Um ser humano elimina a vida de outro, com muitas punhaladas pelas costas, premeditadamente, e fica normalmente em liberdade, porque os jurados entenderam que ele agiu em "defesa da honra".

Se o fato tivesse acontecido num subúrbio, ou em um obscuro bairro periférico, normalmente tudo seria explicado: foi colsa da ralé".

Mas, entre os "evoluídos", "cultos", "Intelectuais" acontecer isso... parece-me abominável.

Não me consolaria, de modo algum, ver o senhor procurador amargar no cárcere o crime cometido.

O que me preocupa é ver que, a cada dia que passa, tem razão um promotor — Alberto Marino Júnior — que repete constantemente em seus júris: "a vida humana é o artigo mais barato do mercado".

O que me preocupa, também, é descobrir que esse mesmo homem, agora absolvido, pediu a condenação — nos seus tempos de promotor — para homens na mesma situação de que ele, outrora acusando para dignamente representar o Ministério Público.

O que me preocupa, mais do que tudo, é a insensibilidade anestesiando a tudo e a todos.

Na verdade, nos restam poucas opções: concordar com as punhaladas, como forma de profilaxia social, e depois cinicamente protestarmos contra a violência? ou... bem... se fosse minha filha...

"A consciência é o mais crú dos chicotes".

Machado de Assis ainda teria razão?

Percival de Souza

MALDADADE A



E o crime se completou com a derrubada total da árvore

A construção da estação rodoviária na praça da Bandeira não será uma obra para ficar definitivamente naquele local, mas a execução desse projeto já custou para a cidade a perda de um tradicional parque infantil e um de seus melhores recantos de lazer, ornamentado com admiráveis, seculares e históricas figueiras, causando desgosto para a população, que queria ver preservadas ao menos aquelas árvores monumentos, por razões de ordem ambiental e sentimental.

Mas o prefeito passou por cima de tudo, destruindo qual a força devastadora de um furacão aquele patrimônio que a natureza e o tempo nos legaram. A derrubada total das árvores, até a raiz, foi determinada dias depois de ter sido feito o corte de sua copa, a despeito do alcaide ter afirmado que só a primeira medida bastava para as obras que pretende realizar no local.

Ocorre, porém, que o corte radical das figueiras, aconteceu na

As figueiras precisavam sair?

● **Milton Rocha**, dentista há 20 anos na Pça. da Bandeira, falando à nossa reportagem antes que as árvores fossem totalmente arrancadas: "Agora Inês é morta. Vocês deveriam ter feito uma enquete antes de cortarem os galhos, do jeito que está, o tronco morre mesmo. Era um monumento histórico, nunca deveriam ter cortado essas árvores. Os jundienses parece que não se incomodam muito com a tradição. Foi uma lástima".

● O simpático velhinho de setenta e dois anos, muito conhecido por suas conversas, **Francisco Stucche**, morador do centro, ao ser interrogado a respeito das figueiras não esperou muito: "Sou contra, aquilo é uma relíquia da cidade. Mas o que fazer, o Prefeito manda na cidade e não posso fazer nada. Mas não deveriam fazer isso". Francisco conta que brincou muito na antiga praça da Santa Cruz, quando esta ainda tinha um bebedouro onde muitos animais iam matar a sede.

● **Alcindo de Mattos**, empregado de uma das bancas de jornais: "Cortaram as árvores de noite para que ninguém visse."



Domingos, o neto, a filmadora.

Em parte foi preciso cortarem para haver alargamento, mas na verdade não havia necessidade. É uma rodoviária provisória, e só se cortassem todas as árvores e fizessem algo maior, justificaria realmente o que estão fazendo. Essas árvores são históricas."

● Muita gente cercava os homens da Prefeitura na noite de terça-feira quando os últimos golpes sacrificavam as imponentes figueiras da praça da Bandeira.

Poucos apenas, no entanto, conseguiram manter-se indiferentes, pois os que não apelavam para que fosse sustada a derrubada das árvores, torciam pelo menos para que os gigantes da natureza resistissem o quanto possível às investidas das máquinas e instrumentos.

Tudo foi bem até o instante em que apareceu um grupo de rapazes no local, ensaiando um protesto contra o corte derradeiro das árvores. Daí os ânimos começaram a se exaltar, porque a multidão de curiosos simpatizou imediatamente com a causa, insistindo com eles nos apelos para que os trabalhadores parassem com o serviço. Primeiro foram chamados os guardas de serviço na estação rodoviária, depois houve quem chamasse também uma viatura da Polícia Militar e os patrulheiros, maneiramente, dissuadiram os rapazes do propósito.

● O morador da Colônia, **Enio Gaetta**, 21 anos, eseriturário, afirma que "Se é para preservar o verde, estão errados. Era o lugar mais legalzinho. Para fazer uma rodoviária definitiva ainda justificaria a derrubada de tantas árvores na praça da Bandeira, mas por ser provisória, nunca deveriam acabar com a ecologia do local."

● "É um crime o que estão fazendo, pois



Alfredo, Silva e Serafim

esse era o único documento histórico de Jundiá. A árvore não estava morta, mas bem viva. Além do mais, se dizem que vão plantar outras árvores no lugar, porque tinham de tirar estas?"

● **Domingos Lepoli**, antigo morador da praça das Bandeiras, não chama a atenção sobre si apenas pelo que está dizendo ou a ira que demonstra pela atitude da Prefeitura em cortar as figueiras. Muita gente, curiosamente, observa também sua ação, de filmar todos os principais movimentos do corte definitivo das árvores.

"Eu fui criado nessa praça e as árvores que estavam aqui eram um símbolo da cidade. Estou emocionado, porque sinto como se estivesse matando um parente. Essas árvores são como minha família" — reclama Domingos em voz alta e embargada, explicando adiante que o filme que está rodando desde os primeiros cortes feitos dias antes nas figueiras será guardado como documento da atrocidade que estão cometendo. "mas se for preciso, eu o mostrarei em todo o Brasil".

E, apontando para o garoto a seu lado, concluiu: "Estou aqui com meu neto para que ele veja como estão matando as árvores onde seu avô brincava quando tinha a sua idade."

● **Antonio Moraes da Silva**, 63 anos, **Serafim Inoco Torraça**, 58 anos e **Alfredo de Paula**, 61 anos, amigos há mais de meio século, contam que brincavam juntos na praça "quando moleques". As figueiras eram o centro de suas brincadeiras, principalmente o futebol, mesmo antes de existir parque infantil.



O administrador Artides

"Tinha um chafariz com água fresca, no entanto foi destruído para fazer o parque, não tenho bem certeza, mas acho que foi na época do Marcondes", diz Antonio.

"Tinha que ficar, essa dói, outras podiam cortar. Elas devem ter 350 anos. Elas são nativas. Poderiam deixar elas, tem espaço suficiente. Está errado, aí tinha escola, não devia de ser. "No pavilhão novo, seria o lugar ideal para uma rodoviária. Assim as árvores não estariam mortas".

● **Artides Negrini**, falou enquanto aguardava o ônibus para a fazenda do Conde, onde trabalha como administrador. Tem 67 anos de idade e 14 anos está em Jundiá.

● "Eu acho que o povo devia ter sido consultado. Ninguém tinha o direito de cortar as árvores sem essa consulta. O prefeito devia ter feito um plebiscito antes de tomar essa atitude".

O rapaz que falou isso, numa rodinha de outros jovens que assistiam ao fim das figueiras, é estudante e não disse o nome:

— "Lembro quando havia bicho-preguiça na árvore".

Seus companheiros aproveitaram essa frase para caçoar: "Mas isso não deve ter sido de sua geração. Você está sonhando".

"Verdade, cheguei a ver bichos-preguiça aqui."

● "Eu acho que não deveriam deixar cortar. A primeira vez que começaram disseram que seriam apenas uns galhos. Depois aos poucos foram cortando mais e mais. Sempre faziam isso de noite para que ninguém reclamasse. Alguns

galhos caíam, mas era coisa normal, como caem os galhos de todas as árvores grandes".

É o que diz a estudante **Maria da Conceição Marins Braz**, filha do proprietário da Bar da Figueira, localizado na Praça da Bandeira.

● **Conceição Ferreira**, dona do bar acha que agora não se pode mais fazer nada, "mas no início quando começaram o corte, todo mundo reclamava e diziam: é um assassinato. Mas parece que já se conformaram."

Vindo de Portugal, há 18 anos está no Brasil a família proprietária do bar, que agora perdeu o sentido de seu nome.

● A opinião do artista plástico **Athos Pimenta de Pádua**

é de indignação: "Árvore não se corta, planta-se. Essas árvores são uma tradição na cidade. Eu por aqui outro dia as vi com os galhos cortados. Que barbaridade! Não sabe a sensação que senti. Tem um quadro no Gabinete de Leitura Ruy Barbosa com essas figueiras, deve valer milhões agora." (Athos deu seu depoimento quando as árvores estavam parcialmente cortadas)

● "Dizem que não tinha mais condições. Pelo menos o que se fala. Parece que saiu um artigo a respeito no **Estadão**. Se não fosse uma rodoviária provisória, ainda poderia ser desculpado. Destruir coisas antigas na cidade é uma destruição de si mesmo." **Cristina Campos**, moradora do Anhangabaú.



● "Eu acho que deveriam derrubar tudo e fazer tudo novo. Sobre as figueiras sei dar minha opinião."

caso atual é uma solução fazer uma rodoviária provisória, mas deveriam fazer definitiva, fazendo um praça novo, pois aqui é um local ideal, com bastante espaço. Dizem que por causa disso precisou derrubar as figueiras mas eu não tenho certeza. **Rubens Neroni**, 19 anos, filho da proprietária Loteca Zebrinha.

● O dono da Loja de Armas, situada na pça. da Bandeira, **Carim Adad**, estabelecido no local há 40 anos. Não tem uma opinião sobre a derrubada das árvores, mas parece que é um medo de opinar: "É uma cidade". Não sabe nem se a praça estará melhor não sem árvores."

● **José Gonçalves**, motorista de taxi na estação rodoviária, acha que as árvores não deveriam ser cortadas, de modo geral. Sobre as figueiras, especificamente, ele não tem uma opinião formada, achando essas árvores estavam morrendo mesmo e diziam, "pois estavam ruí-



Carim

Não

É A RAIZ

de terça-feira, no dia seguinte na edição deste jornal, quando avamos a questão de que o podia estar cometendo uma venção apenas pelo fato de arado as ramas das truculenteiras, infringindo dispositivos municipal, que especificavam as árvores como imunes de do Código Florestal.

idêia que se pode fazer, que se deu a extração total ueiras, é que o alcaide perce-

beu a encrenca em que se meteu, resolvendo desaparecer com a prova do crime.

Enganou-se, porém, porque o que era contravenção, ficou agora configurado como crime.

Um comentário sobre esta possibilidade está numa matéria ao lado, enquanto, abaixo, mostramos como reagiu o povo diante do ato do prefeito, numa pesquisa feita por Regina Dragiça Kalman junto aos moradores, comerciantes e frequentadores da praça da Bandeira.

Sim



Carolina

● **Artur Coroaro**, funcionário da Loteca Zebrinha, na Avenida Dr. Cavalcanti: "Pelo progresso, as árvores deveriam ser cortadas. Tem que se plantar outra no lugar. Para mim não estavam incomodando, mas para o trânsito, para a rodoviária, sim. Elas não estavam mortas. A derrubada foi feita à noite".

● "Vou levar uma lembrança da árvore, vou envernizá-la e guardar. Achei bonito esse pedaço". Creio que deveriam tirar essas árvores. Elas estavam podres. "É uma benfeitoria para a cidade." **João Vila Nova**, artista plástico, 58 anos, morador no Anhangabaú.

● **Nestor Ehrardt**, mora na Anhangabaú foi ouvido em frente à banca de jornais da rodoviária, antes do

corte definitivo: "Se o passado é histórico, presente é melhor ainda, estamos em plena evolução. Jundiaí é uma cidade antiga, com ruas muito estreitas, não está acompanhando o progresso atual. Se as figueiras representam um quadro doloroso, do tempo dos escravos, onde estes, gente como nós eram presos e amarrados, devem desaparecer. As figueiras estão truncando o progresso, dificultando a abertura de ruas. Elas trazem dolorosas lembranças de época das bandeiras. Elas estão truncando o desenvolvimento das vias para o progresso. Derrubando-as não se precisará mexer com os sobrados outros predios. Para a estação rodoviária elas se tornam prejudiciais. Ficaria um zigue-zague, devido ao contorno dos ônibus".

● **Carolina Miller**, moradora da Praça da Bandeira, há 30 anos: "Agora já cortaram e não se pode fazer mais nada."

— Deveriam cortar essas árvores?

— Se quiserem fazer alguma coisa, devem cortar."

— Mas essas árvores não são históricas?

— "Realmente não poderiam cortar porque são antigas. Mas agora já começaram, e vai fazer bem para a cidade. As outras não devem cortar."

● **José Pessoto Filho**, há um ano motorista de taxi na rodoviária e morador da Ponte, deu a sua opinião quando as árvores não tinham ainda sido definitivamente derrubadas: "Do jeito que está agora, é melhor cortar de uma vez."

"O que é bem para a praça, deve ser feito. Era necessário cortar essas figueiras do jeito que estavam acabariam morrendo mesmo.

— Acha que a praça está mais bonita agora?

— Enquanto estão arrumando, não, mas vai ficar bonita".

● Para **Pedro Rigoni**, as figueiras deveriam ter sido tiradas há tempo. "Estão estorvando, atrapalhando a calçada. Elas estavam podres e não embelezavam nada. Eram muito feias."

● **Gonçalo Miguel de Carvalho**, auxiliar de Administração da rodoviária não quis dar entrevista, mandando falar com o Administrador. **Esdras Benedito Cintra**, o administrador, também não quis falar e mandou o repórter entender-se com o assessor de imprensa da Prefeitura.



Vila Nova



O corte das ramas, a primeira contravenção

A volta do dendroclasta

Uma árvore dá muitos galhos mas o que realmente dá "galho" é cortar, podar, matar, destruir uma árvore secular em descumprimento das normas legais. A matéria, igualmente, tem sob o aspecto moral alta relevância, se considerarmos que quem liquidou com o produto da natureza não tem raízes profundas plantadas na terra que a germinou, pois aqui aportou não faz muito tempo.

Estas palavras iniciais vem bem a propósito no instante em que após os comentários deste jornal o sr. Alcaide mandou, às horas tardes da noite, arrancar os últimos vestígios das centenárias figueiras da Praça da Bandeira. Ele prometera que o tronco das figueiras ficaria, mas quando se falou em pericia até os troncos foram sacrificados para que não ficasse sobre a terra a prova da devastação...

Entretanto, pelo menos em tese, o sacrifício do corpo de delito não importa no desaparecimento da ação lesiva.

Vejamos a matéria e a lei.

Diz a Lei Municipal 1.631, de 28 de outubro de 1969, em seu art. 1º:

"Ficam declaradas "IMUNES DE CORTE" as figueiras existentes na Praça Tiburcio Estevam de Siqueira e na Praça da Bandeira".

Diz a Lei Federal 4.771 de 15 de setembro de 1965:

"Art. 26 - "Constituem contravenções penais, puníveis com três meses a um ano de pri-

são simples ou multa de uma a cem vezes o salário-mínimo mensal, do lugar e da data da infração ou ambas as penas cumulativamente".

Diz a letra "n" de referido artigo do Código Florestal Brasileiro:

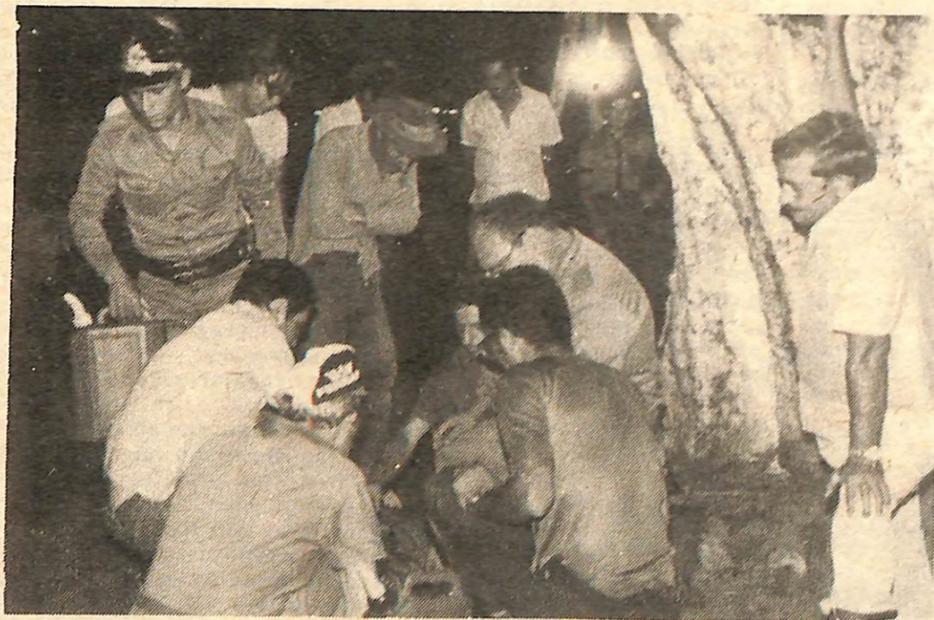
"matar, lesar ou maltratar por qualquer modo ou meio, plantas de ornamentação de logradouros públicos ou em propriedade privada alheia ou ÁRVORE IMUNE DE CORTE".

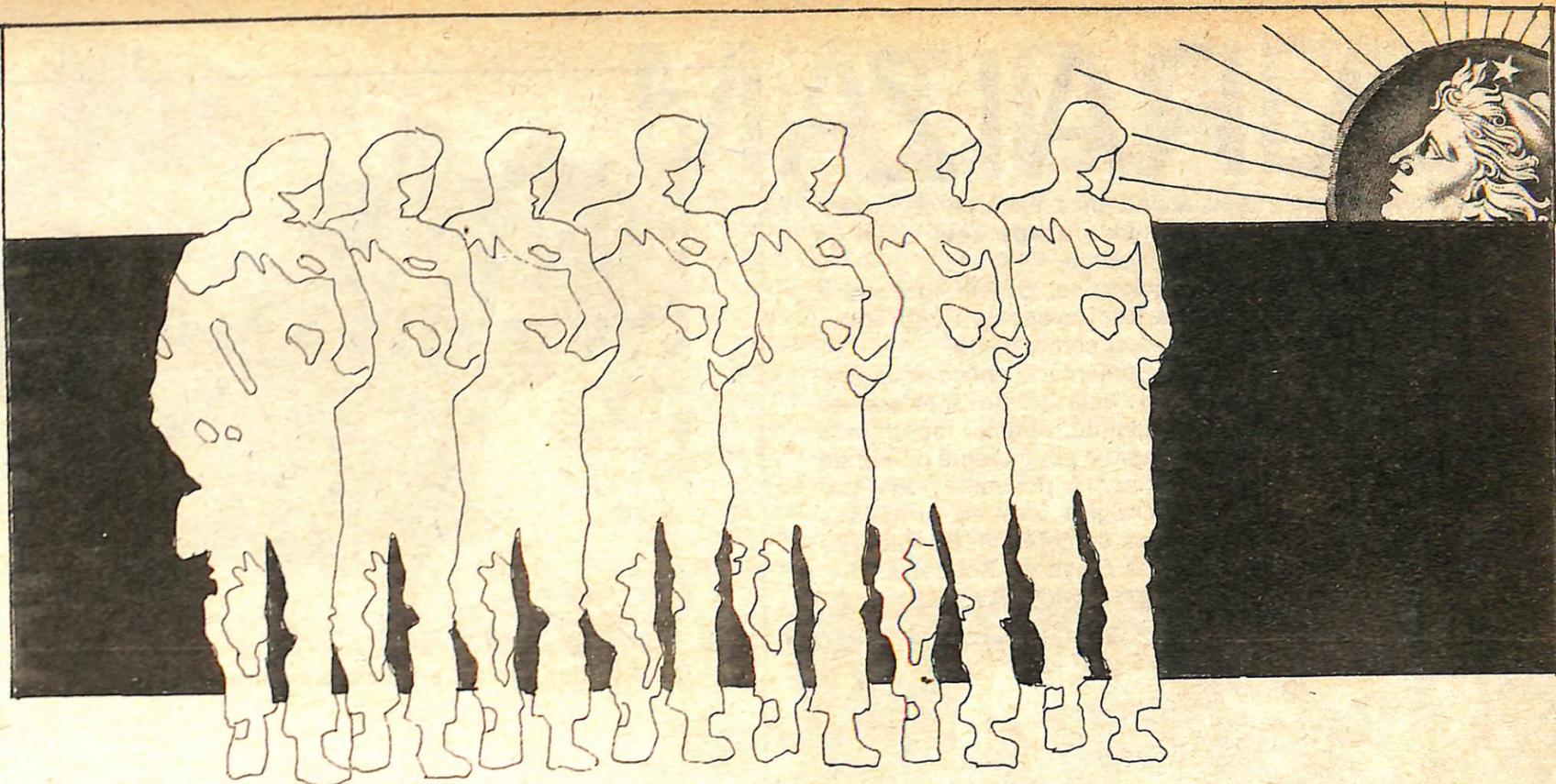
Temos aí o direito e os fatos. Se se aplica ou não ao caso presente só a Justiça poderá dizer e ela necessariamente deve se pronunciar, pois a matéria é de ação pública e os comentários feitos por todos os jornais obrigam, como denuncia pública a ação do Ministério Público.

Nem se alegue que a árvore iria morrer já que morta não estava. Ao doente busca-se o tratamento e não a morte.

De um lado temos o Código Florestal e de outro lado no descumprimento da Lei Municipal cabíveis seriam as sanções do Decreto-Lei nº 201 de 27 de fevereiro de 1967, sobre o que devem se manifestar os senhores Vereadores.

Quando os troncos foram arrancados, quando desapareceu tudo o que lembrava o pouso das bandeiras, na "Porta do Sertão" à sombra das figueiras, deixando-se de cumprir o prometido de que os troncos ficariam "como uma imagem do significado das velhas árvores na história da cidade", pode-se dizer que o dendroclasta voltou e as normas legais foram violentadas.





O PIS, esse desconhecido

"O tempo, em todo o Estado, permanecerá nublado, com nebulosidade pela manhã, passando a nublado, podendo ocorrer trovoadas e chuvas, no transcorrer do período. A temperatura permanecerá entre a mínima de 16 e a máxima de 28 graus centígrados".

Sem dar a menor importância à previsão do radinho de pilhas, o trabalhador saiu de casa, pegou a condução até a cidade, saltou e se postou

na enorme fila, diante do banco que só abriria algumas horas mais tarde. Ele vai levantar o seu PIS.

O que é exatamente o PIS? Ele não sabe responder ao repórter. Sabe apenas que é um dinheiro a que tem direito. E vai cedinho para a fila, exercer esse direito. Ele trabalha no turno da tarde e espera receber o seu PIS a tempo de voltar para casa, almoçar e ir trabalhar.

Mas na fila tem gente que está perdendo o dia de trabalho — e com isso o domingo remunerado e o proporcional em dias de férias — para exercer o direito de retirar o PIS.

Quanto vai receber do PIS? Ele não sabe, ninguém sabe, na fila. Mas estão todos ali, homens e mulheres, esperando a vez de receber uma soma inimaginável, correspondente a um direito que ninguém sabe qual é.

Esse dinheiro é deles e eles vão recebê-lo. Isso basta.

AFINAL O QUE É O PIS?

O PIS — Programa de Integração Social, foi um dos então chamados "projetos impactos" do Governo Médici, levado ao público através de rede nacional de televisão e, no dia seguinte, nas manchetes dos jornais de todo o país.

Trata, basicamente, da constituição de um fundo,

criado pelo pagamento de percentuais sobre o faturamento e o imposto de renda das empresas, fundo esse administrado pela Caixa Econômica Federal e destinado, principalmente, ao financiamento da pequena e média empresa. Os rendimentos decorrentes dessa operação, mais os juros e a correção monetária, formariam um grande "bolo" que seria, no tempo devido, repartido entre os trabalhadores.

Era a forma oficial de dar cumprimento a um dispositivo constitucional que assegura ao trabalhador sua participação e integração na vida, no desenvolvimento e nos lucros da empresa.

Posto em prática em 1971, o PIS já pode ser levantado pelo trabalhador. E está sendo levantado por muitos.

Sobre o Programa de Integração Social, procuramos ouvir empresários. A palavra é deles.

A Ideal Standard explica e justifica

O advogado Iaro de Mattos e Gerente de Relações Industriais e Jurídicas da Ideal Standard.

Ele fala de forma bastante clara a respeito do PIS.

"O embrião do PIS está contido na Constituição de 1946, que já assegurava ao empregado a participação nos lucros das empresas. Esse item era um dispositivo programático, que dependia de uma lei que instituisse o sistema dessa participação. Dadas as dificuldades, óbvias, para se regulamentar a participação do empregado no lucro da empresa, foram, então, aparecendo sucedâneos. O primeiro foi o 13º salário, que hoje é um direito nosso, adquirido. É muito útil. O segundo foi o PIS que, na verdade, se aproxima mais da participação no lucro da empresa, porque é uma participação no faturamento."

Jornal de 2º: De quantos por cento é essa participação?

Iaro de Mattos: E de meio por cento (esses dados eu não tenho agora, de memória). E meio por cento sobre o faturamento e mais uma parte sobre o próprio imposto de renda da empresa.

Com esse dinheiro é formado um bolo, um fundo

comum, que depois é partilhado por todos os empregados cadastrados no PIS. A partilha é proporcional ao tempo de serviço e ao salário do empregado.

J 2º: Esse cadastramento é obrigatório?

IM: É obrigatório. O empregado ao ser admitido, já é cadastrado. Ou quando ele já vem cadastrado, ele traz os documentos do cadastramento feito pela empresa de onde ele vem. E a empresa deposita, em relação aos seus empregados, a sua cota do PIS.

Esse bolo é administrado pela Caixa Econômica Federal, que também administra a aplicação do fundo, cuja finalidade principal é o financiamento a pequenas e médias empresas. Esse dinheiro é aplicado, tem um rendimento e esse rendimento é que é partilhado entre os participantes do PIS. Por isso, o que o empregado levanta, o que ele está levantando agora, é esse rendimento e não o fundo. O fundo, o total, você só pode levantar em certas circunstâncias: casamento, construção da casa própria, ou no caso da morte do cadastrado, pelos herdeiros, ou dependentes.

J 2º: Uma coisa que nós notamos, na fila do PIS, é que ninguém conhece o

assunto. Isso é natural, é normal?

IM: Veja uma coisa, o próprio FGTS, que é uma instituição mais antiga, pouca gente entende, isso é natural. Mesmo funcionários mais categorizados não conhecem coisas elementares do próprio FGTS, ou do INPS, isso é natural. O homem, o nosso operário, geralmente, como não é previdente, procura os remédios quando sente dor. Então, na hora de levantar o PIS é que ele vai querer saber o que ele precisa para levantar, para receber esse direito.

J 2º: Pelas filas diante dos locais onde se recebe o PIS, deve ter muito empregado perdendo dia de trabalho. Na Ideal Standard o pessoal tem faltado, ou vocês têm autorizado o empregado a faltar para receber?

IM: Tenho a impressão de que a fila é um problema de organização interna do banco. Eu fui levantar o meu PIS às onze e meia, não tinha ninguém e eu não tive o mínimo problema de espera. Acho que depende do banco só isso.

J 2º: O banco é escolhido pela empresa?

IM: E, o banco é escolha da empresa. Ela é registrada nesse banco e só recolhe o PIS através

desse banco. Nossos operários têm ido receber sem problema nenhum e não estão faltando ao serviço. Tenho a impressão de que o banco nosso paga a qualquer hora. Acredito que alguns bancos tenham estabelecido horário para o levantamento do PIS. Daí as filas e os problemas de espera.

J 2º: Então o banco de você até merece um comercialzinho, pelo serviço que está prestando aos operários e a vocês. Que banco é?

IM: O nosso banco é o Nacional.

J 2º: Na sua opinião, o que representa o PIS para o trabalhador?

IM: Eu acho que ele representa muito. Veja, por exemplo, o caso de um funcionário daqui (que eu acompanhei): ele recebe um ordenado de Cr\$ 1.800,00. Ele recebeu, dos rendimentos do PIS, Cr\$ 235,00, mais de dez por cento do salário. Isso, no fim do ano, é uma grande ajuda.

J 2º: E é essa a média? Dá mais ou menos dez por cento pra todo mundo?

IM: A média dá Cr\$ 60,00. Como a média do salário, no Brasil, ainda é muito baixo, dá mais ou menos essa porcentagem. Quem deixou acumular do ano anterior, tem um rendimento maior.

J 2º: O rendimento deixado de receber, tem os benefícios dos mecanismos de correção monetária, juros, essas coisas todas?

IM: O que você não retira é acrescido ao seu fundo. Como os rendimentos são calculados sobre o fundo, o fundo acrescido dá rendimento maior.

J 2º: E quem decide a aplicação desse fundo do trabalhador?

IM: É a Caixa Econômica Federal que administra o fundo. Ele não sofre apenas correção monetária, como também rendimentos operacionais. É como se fosse qualquer coisa semelhante a um fundo de investimento, o Fundo 157, por exemplo.

J 2º: Como participação de empregado no lucro da empresa, o PIS é a fórmula ideal?

IM: O PIS é a participação do operário no faturamento da empresa. O ideal seria que cada empregado participasse no faturamento da própria empresa. Porque aí haveria a integração do empregado no desenvolvimento e nos objetivos da empresa. Mas o PIS é um bolo que abrange todo o país. Se o empregado participasse no fatura-

mento da sua empresa, aí então ele estaria participando do lucro da sua empresa, mais de acordo com a Constituição atual — a que modificou a de 1946 — que fala em assegurar a integração do empregado na vida e no desenvolvimento da empresa, com participação nos lucros. Com essa integração na vida e no desenvolvimento da empresa, inclusive na administração da empresa — que é prevista na Constituição, também, e acontece em países europeus — se a participação do empregado fosse maior, a participação no lucro seria mais efetiva.

Nessa situação, o empregado participaria até dos riscos da empresa, que hoje competem apenas a ela, empresa, embora haja empresário querendo implicar o empregado nos riscos, o que é absolutamente errado.

Numa situação em que o empregado participasse também da administração, aí sim haveria uma completa integração do operário na vida da empresa. Sem comunismo, sem socialismo.

J 2º: (agora, já dando palpite): Quem sabe a gente chega lá, não?



Na Pozzani, a confiança no programa

O diretor comercial das Industrias "Francisco Pozzani", Benedito Rígolo, vê no PIS um excelente programa que, com o tempo, atingirá seu objetivo: um maior equilíbrio social. Contudo, ainda apresenta o inconveniente da sua distribuição, que provoca uma perda de tempo por parte dos empregados que vão aos bancos para receber o benefício.

Rígolo explica que a destinação do rendimento do PIS em escala inversamente proporcional aos salários dos trabalhadores traz inegáveis vantagens a quem ganha pouco. Este é justamente aquele que mais necessita de um reforço em seu orçamento, todos os anos pode retirar uma quantia que, se não é muito, pelo menos ajuda bastante.

O diretor comercial da Pozzani afirma que as três classes sociais (pobre, média e rica) podem ser divididas em três sub-grupos cada uma. Essa característica, conforme suas observações, pode ser sentida em maior escala se for considerado o fato de que um operário braçal dos "centros nervosos" do País (Brasília,

Rio de Janeiro e São Paulo recebe Cr\$ 500,00, enquanto uma professora primária, no Nordeste ganha apenas Cr\$ 60,00.

Por causa desse desnivelamento salarial dentro de uma única faixa social, esclareceu Rígolo, qualquer quantia injetada nos ganhos deve ser levada em conta. Ainda é pouco o que está sendo distribuído, mas com o passar do tempo, as rendas do fundo do PIS serão maiores, aumentando o "bolo" a ser distribuído entre os trabalhadores, fato que já está sendo sentido apesar de ainda estar no terceiro ano de funcionamento.

O empresário, para exemplificar, citou a conclusão da pesquisa feita pela indústria através de seus representantes em todo o País: o último Natal foi bastante bom para o comércio. Ele não pode afirmar com segurança que foi devido ao pagamento em novembro e dezembro, o que teria aumentado o poder aquisitivo dos consumidores (mesmo os que estão recebendo agora, porque contavam com o dinheiro e gastaram um pouco mais).

Esse sintoma, caso não seja totalmente responsabilidade do PIS, ao menos pode ser uma parte de um grupo de circunstâncias que determinaram maiores condições de compra. Para os trabalhadores que ganham o salário mínimo ou pouco mais, os Cr\$ 150,00 ou Cr\$ 300,00 que puderam retirar, devem ter influído.

É justamente dentro desse aspecto que Rígolo vê os maiores méritos do PIS, que visa um equilíbrio social com a participação dos empregados nos lucros da empresa. A vantagem sobre o Fundo de Garantia sobre o Tempo de Serviço é a possibilidade das retiradas anuais.

Para ele, os 0,5% do faturamento da indústria que devem ser destinados ao Fundo do plano, não chegam a criar transtornos inflacionários ou prejudiciais à firma (no ano passado, a Pozzani desembolsou Cr\$ 400 mil). Mesmo porque ele pode ser movimentado pela empresa para conseguir empréstimos, quer para reformas, ampliações ou compra de máquinas.

Por outro lado, os maiores beneficiados conseguem maior estabilidade financeira, gerando tranquilidade para o trabalho, o que é bastante vantajoso em termos de produtividade. Rígolo afirma que há empresas que investem muito mais em coisas supérfluas, cujo retorno, quando não é duvidoso, chega a ser nulo.

Ele esclarece que a Pozzani está voltada a não se preocupar com gastos feitos para o beneficiamento indireto dos seus 800 funcionários. Apenas em bolsas de estudo, a indústria terá de despesas, mais de Cr\$ 100 mil neste ano, custeando as escolas para três empregados que estudam Direito e 12 em Administração de Empresas, além dos em outros cursos.

Isto está sendo feito porque sentiram que há uma mudança de mentalidade com relação ao aperfeiçoamento profissional. Antes, um homem de escritório tinha como maior objetivo ser um bom datilógrafo, enquanto que atualmente não são raros os operários que possuem diploma de 1º grau.

Em oposição aos dois aspectos positivos encarados por Rígolo (o custo e a implantação do PIS) existe a falha na distribuição do benefício. Há empregados que perdem a hora de entrada no serviço por causa das extensas filas para o recebimento, quando não são obrigados e se locomover a suas cidades de origem para retirarem o que lhes cabe.

Como a empresa tem conhecimento da existência dessa dificuldade, as horas e dias perdidos estão sendo abonados, porque, afinal, "eles estão exercendo o direito de receber".

Rígolo coloca o problema assim: o trabalhador tem que ir pessoalmente, os bancos estabeleceram um horário de acordo com sua conveniência (há exceções) e que, por ser pequeno, origina as filas. Mais ainda, aqueles que recebem correm o risco de serem assaltados, pois é de domínio público que ao saírem, todos levam dinheiro.

E aponta a solução: devem ser utilizados horários que facilitem o recebimento a todos,

especificamente, teria de ser de manhã, tarde e noite, porque há diferentes horários de trabalho e alguns impedem a locomoção até a agência bancária dentro do prazo estabelecido.

O empresário vai mais longe, pois vê até uma participação das indústrias no pagamento como uma forma de facilitar a distribuição. Não entregar diretamente o dinheiro, pois não acredita na absoluta honestidade de todos, mas sim algum documento ou guia até mesmo o cheque, para que ela mesma entregue aos funcionários. Estes, no expediente normal dos bancos, receberiam sem problemas.

Lógicamente, haveria um acréscimo nos serviços do escritório da empresa, mas seria algo que "faria com prazer", disse Rígolo, apesar da grande quantidade dos serviços burocráticos normais. Para ele, é muito importante zelar pelos interesses dos trabalhadores.

Com isso, aumentariam as possibilidades de novos esclarecimentos aos empregados do que vem a ser o PIS, que ainda é desconhecido pela grande maioria que sabe somente da existência de um dinheiro em sua conta.

"A ordem do Governo é produzir" — falou o diretor, e acha que é uma meta a ser atingida suprimindo-se todos os fatores que ocasionem perda de tempo. A solução do problema das dificuldades no recebimento é tida como certa em breve por Rígolo e ele acredita nisso tanto quanto no sucesso do PIS.

Don Guido

RESTAURANTE
Wyskeria

Carnes - "Santa Gertrudes"

Chopp - Claro e Escuro

Aguarda a sua visita

Rosário, 670 - fone 4-3201

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RÁPIDOS E SEGUROS

HIDROTECNICA
projetos e execuções
rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)

67 8 75
ANOS
di

CONSTRUTORA
JUNDIAI LTDA.

r. Siqueira de Moraes n 578
8º andar - conjunto 801 - C

Roberto Carlos

Decorrido um mês após a estréia do show de Roberto Carlos no Canecão, Rio, aquela cervejaria continua super-lotada com ingressos disputados no palitinho.

Como todo mundo sabe (mas tem vergonha de falar), o Canecão é uma cervejaria chatíssima. A comida daquela casa é mal feita, mal apresentada, mal servida.

É somente bem (e como!!!) paga. O chope de lá é quente e aquelas mumunhas mais que ninguém conta mas sente.

Mas como não estou aqui (ainda) para falar sobre culinária, apesar do molho, pimenta, sal e orégano dos meus escritos, vamos à temporada anual que o Rei faz no Canecão.

Musicalmente falando, o espetáculo é muito bom, mesmo porque a voz e a interpretação de Roberto Carlos transformam qualquer "Eu não quero mais pepino", em uma "Amada Amante". A voz e a interpretação de RC. são, de fato, hipnotizante.

Todavia, o texto (de Ronaldo Bóscoli) é dos mais indignos de serem ditos pelo poeta-compositor-e-cantor Roberto Carlos. As piadas são puxadas pro grotesco, as frases têm duplo sentido, o que deixa o cantor desconcertado sobre o palco, o que é perfeitamente compreensível para quem acompanha a carreira de RC. desde o tempo em que ele se limitava a "é uma brasa, mora".

De seu novo LP, Roberto Carlos canta somente três composições: "Olha", "Seu Corpo" e, "Além do Horizonte", sendo que



esta última é que mais entusiasma o público, em razão de seu ritmo quente.

Para o meu gosto, porém, e, para o meu delírio também (a rima ocasional), a música em que o Rei castiga a sua bossa é "Ternura Antiga", de Dolores Duran.

Ouvindo essa melodia você até esquece de que, antes, RC sapeca essa "joinha" de frase que, graças a Deus (mil vezes graças a Deus), não fui eu que fiz: "... eu passava por ela sem coragem de dizer alô"...

Como autor de textos de shows, Ronaldo Bóscoli já está na hora de "dar baixa".
Francamente.

Trovas

Flávio Roberto Stefani nasceu em Porto Alegre, aos 15 de março de 1949. Poeta e trovador, reside na capital gaúcha, de onde nos vem essa quadrinha que, em matéria de conselho, é um dos poucos que deve ser seguido:

Queres falar bem de perto à mãe da sabedoria?
Procura o balcão aberto de uma boa livraria.

Não há dúvida, Flávio. Você está coberto de razão. Afinal, calê essa da turminha só entrar em livraria quando está chovendo? Essa apelação tem que acabar, é ou não é?

Irineu Martins dos Santos nasceu em Taubaté, SP,

no dia 9 de junho de 1916. Jornalista, poeta, professor e trovador, usa, por vezes, o pseudônimo de Garcia Santos. É autor de vários livros de sucesso, entre os quais, Taubatê Ontem e Hoje, Sátiras e Salmos, A Família Nogueira, etc. Irineu Martins dos Santos reside em Taubaté e é dele esta quadrinha gostosa e cheia de graça e espírito:

O gatuno à uma senhora
—A bolsa, logo! Ou a vida!
— E tarde, larápio, agora
Sou cardíaca e falida...

É isso aí, Irineu. Se o "assalto" fosse comigo, eu não teria dúvida:

— A bolsa ou a vida?
— Pode escolher. As duas estão vazias.

Cinderella

(A gata choradeira)

moral(?) é meio puchada prô: o dinheiro não dá felicidade a ninguém. "O que traz a felicidade,

meu filho, é a... beleza!!!
Até daqui há sete luas, tá?

Recorte & Guarde

CECILIA MEIRELES

(1.901 - 1.964)

Poetisa brasileira, nascida e falecida no Rio de Janeiro. Diplomada pela Escola Normal, participou ativamente do movimento de renovação do sistema educacional brasileiro. Fundou, em 1.934, a primeira biblioteca infantil do país, e, de 1.936 a 1.938, lecionou Literatura Brasileira na Universidade do Distrito Federal. Foi professora de Técnica e Crítica Literária na Universidade do Texas, em 1.940, tendo viajado por diversos países da Europa, das Américas e do Oriente. Colaborou na imprensa carioca, inclusive em questões de folklore, tema de sua especialidade.

Literariamente, estreou em 1.919, com pequeno livro de sonetos, "Espectros". De inspiração parnasiana, essa obra foi seguida de duas coletâneas de poemas simbolistas: "Nunca Mais...", e "Poemas dos Poemas", publicadas em 1.922, tendo em 1.925, publicado "Balada para El Rei", .

Contudo, seu primeiro livro importante, somente apareceria em 1.938, o volume "Viagem", premiado em concurso da A.B.L., no qual se afirma poetisa "moderna", sem todavia, filiar-se às correntes literárias em vigor desde 1.922.

De 1.942 a 1.957, publicou vários volumes que confirmariam a importância de sua contribuição à poesia da língua portuguesa, como, por exemplo, Vaga Música (1.942); Mar Absoluto (1.945); Retrato Natural (1.949); Amor em Leonoreta (1.953); volume contendo Doze Noturnos da Holanda e o Aeronaura (1.952); Romanceiro da Inconfidência (1.953); Pequeno Oratório de Santa Clara (1.955); Pistóia, Espelho Cego (1.955); Canções (1.956); Romance de Santa Cecília (1.957).

Finalmente, em 1.958, publicou "Obra Poética", contendo 5 dos seus livros anteriores e mais alguns poemas inéditos.

Se, nos primeiros poemas Cecilia Meireles aproxima-se pelo espiritualismo, e, pela forma, dos ideais estéticos, defendidos pelo grupo Festa, a partir de Viagem, começam a surgir, em sua obra, aquelas qualidades que, desde então, iriam caracterizá-la: intimismo, tendência ao misticismo e ao universal, retorno à fonte popular, lirismo, tudo isso expresso de modo pessoal, em versos de extrema perfeição formal.

Cecilia Meireles é considerada, pela crítica, como a mais alta expressão da poesia feminina brasileira em todos os tempos, e, situa-se, inegavelmente, entre os mais altos valores da literatura de linguagem portuguesa do século XX.

IBE ADI

Pratos Arabes

aberto até às 4:00 hrs

boutique

rosario 455

fone 42833

Bymboka

A SENZALA

Rua Barão de Jundiaí 932

Fone: 4-0697

DOCES CASEIROS

ENCOMENDAS PARA FESTAS

ANO NOVO COLORIDO SILVATEX

BARÃO 919

TELEFONE 67178

GRAND PRIX

MECANICA

OPALA E CHEVETTE

R. BANDEIRANTES 157 - FONE: 6-8456

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR

ZETISERVE

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE

O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIA

LA VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO FRANGO FRITO SERVIDO PELO PROCESSO CHICKEN-IN

avenida antonio segre, 504

JUNDI HOBBIES

Cursos Grátis durante as férias

tela, cerâmica, porcelana, vidros

Rua do Rosário, 660

fone 4.3187

Ano bissexto, eu bissexto

Para Hannah

(março/75)

Hannah hebraica
hebréia, judéia, gudeia, saracutéia da rififéia
teu nome me vem à lembrança
num brinquedo de criança
gudança, saracutança da rififança
e enquanto inspiras poemas do fraterno Mano
eu te projeto mulher e pergunto,
Hannah de vinte minutos
de sobrenomes: como serás vinte anos depois?
Inteligente e bela, uma fada?
ou simplesmente feliz? um fado.
(Ah, pequena gulosa, não pretendas tudo
que a vida não é como a mama, Hannah,
da tua mãe: rica
em vitaminas, proteínas e sais minerais),
Inteligente, terás o dom de ver e entender
mas esses verbos se conjugam, via de regra,
no singular.
Bela, serás muito conjugada, em muitos tempos
menos no infinito — que o belo-eterno não existe
Por **Femina** que sejas.
Resta a terceira dúvida, que não é dote
com o qual se nasça. É a própria vida
eu, tu, ele, nós, vós, eles
presente, passado e futuro — nem sempre na ordem
que os livros ensinam

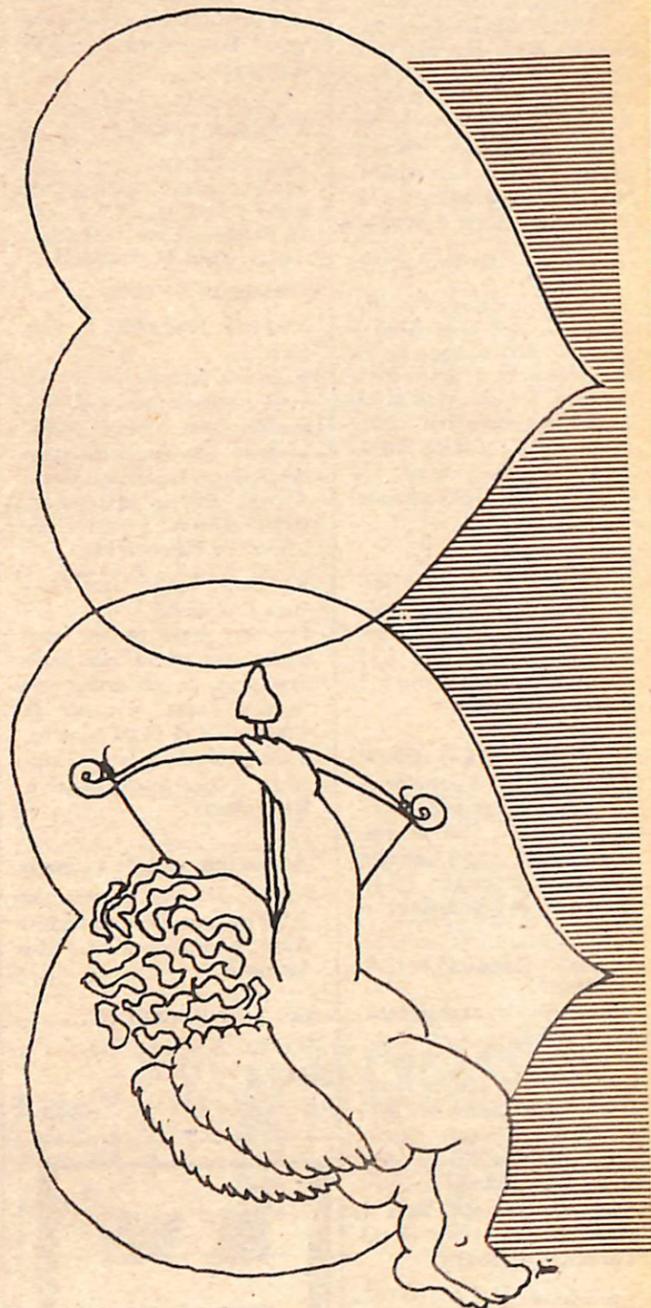
(é estranho — ou mágico — que no exato momento em que penso
tudo isso, os livros da minha estante me chamem a atenção,
especialmente o primeiro da fila, em cuja capa leio assim
cortado o título

A NA
VVALHA
NA CARNE

Sempre atrevido, é Plínio Marcos quem te aconselha, Ana,
Hannah hebraica, hebréia, judéia, gudeia, saracutéia da rififéia:
valha na carne, procura nela as vitaminas da inteligência,
as proteínas da beleza, os sais mineirais da felicidade.
Fora dela, tudo é muito pouco provável — segundo o autor
do livro e orador que te fala).

Num 1º de maio

(Para Vazinho D'Angieri)



Nos saudamos com a mesma saudação:
— Estou ficando louco!
— Eu também, irmão.

Mas, além desse mal comum,
outras "Pontes" nos uniram
no mesmo e teimoso jejum
(comida tinha. E muita insistência.
Mas de que vale o feijão
quando a fome é de existência?)

Então, num canto, conversamos comovi-
dos:

um tão tagarela
o outro todo-ouvidos.
E entre a cachaça gelada
sua voz, meio engasgada,
falou: Era uma vez...

E veio a loja de tecidos,
os duzentos bilhetes perdidos
numa questão de Português.

(Tempos do amor-desmaio!)
Coisas que a gente revive
só nos primeiros de maio.

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

Casas à venda

Assobradada - Rua Bela Vista

Muito bem conservada, contendo abrigo p/ carro grande, cozinha com armário embutido, 2 dormitórios grandes, dependências de empregada, quintal. Cr\$ 270.000,00 à vista. Quem oferece é **Recreiolar**.

Vianelo

Contendo 3 dormitórios, todos com armários embutidos, 2 banheiros completos, sala, copa, cozinha, garagem. A oferta é de **A.G. Imóveis**.

Vila Liberdade - Cr\$ 560.000,00

Estilo colonial, com 3 dormitórios com armários embutidos (1 suíte), sala em "L", copa-cozinha com armário embutido, WC com lavabo, dependência de empregada completa, abrigo para 2 carros, lavanderia, jardim. Pode ser financiada. (C-12). Oferta: **Scarance e Souza**.

Chácara Urbana - Cr\$ 1.200.000,00

Com 3 dormitórios (1 suíte), living em "L" com lareira, lavabo, 2 WC, terraço de 35 m², escritório, 1 apto. para hóspedes, lavanderia, dependência de empregada, canil, churrasqueira, piscina infantil, abrigo para 2 carros. (C-8). Quem oferece é **Scarance e Souza**.

Avenida Dr. Cavalcanti

Ótimo ponto, contendo jardim, abrigo, sala, 2 dormitórios, cozinha, banheiro, despejo e quintal. Cr\$ 320.000,00 à vista. A oferta é de **Recreiolar**.

Anhangabaú - Cr\$ 450.000,00
Casa nova, com 3 dormitórios (1 suíte), sala grande, copa-cozinha, WC, lavanderia, abrigo para 2 carros, terraço. Pode ser financiada. (C-4). Quem oferece é **Scarance e Souza**.

Chácara Urbana - Cr\$ 1.000.000,00

Fase final de acabamento, com 3 dormitórios com armários embutidos (1 suíte), 1 Apto. para hóspede, sala social, sala de jantar, 2 WC com lavabo (1 social), dependência de empregada, despejo, lavanderia com armários, garagem para 2 carros. (C-20). Uma oferta **Scarance e Souza**.

Jardim Cica - Cr\$ 480.000,00
3 dormitórios com armários embutidos, sala grande, cozinha, WC, dependência de empregada e garagem. (C-9). Outra oferta **Scarance e Souza**.

Chácara Urbana
Fina residência, com 3 dormitórios, com armários embutidos, e demais dependências. Quem oferece é **A.G. Imóveis**

Jardim Páteo do Colégio
Próxima à Chácara Urbana, contendo 3 dormitórios, 2 salas, 2 banheiros e demais dependências. Uma boa oferta **A.G. Imóveis**.

Jardim Brasil - Cr\$ 1.100.000,00

Magnífica residência no asfalto, com 3 dormitórios (1 suíte), mais quarto de vestir, 2 salas, solar terraço, WC, garagem para 3 carros, dependência de empregada e despejo. (C-17). A oferta é **Scarance e Souza**.

Casa para alugar

Vianelo

Residência contendo 3 dormitórios com armários embutidos, 2 banheiros, completos, sala, copa, cozinha e garagem. Oferta: **A.G. Imóveis**

Apartamento para alugar

Dois apartamentos, no Centro, com 2 e 3 dormitórios e todas as dependências. Um dos apartamentos com garagem. Boa oferta de **A.G. Imóveis**.

Prédio à venda

Rua do Rosário

Prédio contendo salão comercial e sobreloja, local de alto comércio. Uma excelente oferta de **A.G. Imóveis**.

Chácaras à venda

Rodovia Jundiá-Itu - Para recreio

Excelente área de 6.400 m², vista panorâmica, mata formando lindo bosque com madeiras de lei. Ideal para descanso e recreação, junto a boas propriedades rurais. Cr\$ 15,00 o m², à vista. Uma oferta de **Recreiolar**.

Rodovia Jundiá-Itatiba - Para formação

Diversas áreas planas, com matas, em ótimo local para formação de chácaras de recreio. Áreas a partir de 5.000 m², Cr\$ 15,00 o metro, à vista. Estuda-se preço facilitado. Quem oferece é **Recreiolar**.

Áreas industriais à venda

Várias áreas a partir de 3.500 m², no Distrito Industrial. A oferta é de **A.G. Imóveis**.

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI



Recreio Lar
Imóveis e Administração
Av. Jundiá, 667
Fones 6.4108 - 6.5888

Scarance e Souza

Imobiliária e Administração
Rua Vigário, 174
Fones 4.1108-6.6136



Rua Senador Fonseca, 1.303
Fone 6.7638

Uma voz lírica ecoou num salão vazio

Uma cantora lírica de fama internacional, uma pianista acompanhando, trinta pessoas na platéia e centenas de cadeiras vazias. Foi este o quadro que Jundiá preparou no dia 29 de dezembro, quando da apresentação de Marília Siegl no salão nobre do Gabinete de Leitura "Rui Barbosa".

Essa apresentação fez parte do **Dezembro Festivo 75**, uma promoção da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo e do Conselho Estadual de Cultura. E os jundienses, que não têm muitas oportunidades de presenciarem tais acontecimentos, levaram para o salão nada mais do que trinta adeptos. Inclusive, a Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Turismo e o Conselho Municipal de Cultura estavam sendo representados pela expressiva quantidade de uma pessoa, demonstrando que o interesse vem realmente da cúpula.

Tal fato — o único representante e outras 29 pessoas — constituiu uma verdadeira decepção para todos e também para os dois diários da cidade, que enviaram repórteres e fotógrafos, mas nada publicaram no dia seguinte ao verem platéia tão reduzida. Ou porque não se deram conta que a cantora lírica era Marília Siegl, de nome internacional.

Mesmo assim, a apresentação de Marília foi algo de espetacular. Dividiu o recital em duas partes, sempre acompanhada pela pianista Selma Asprino.

Na primeira parte, Marília cantou músicas de diversos autores, como "El Vito", de Nin; "Le Violette", de Scarlatti; "Ah, qui bula d'amour" de Tchaikowsky; "Je t'aime", de Grieg; "Jota", de Falla; e "Del cabelo mas sutil", de Obradors. A segunda parte foi dedicada aos autores brasileiros: "Quem sabe", de

Carlos Gomes; "A flor e a fonte", com poesia de Vicente de Carvalho e música de Feliz Otero; "Toada nº 3", de Frutuoso Vianna. Mostrando sua preferência pelo folclore brasileiro, Marília cantou cinco canções nordestinas: "O kininbá" macumba e folclore brasileiro; "Capim di prantá" canto de trabalho e folclore rural; "São João Dar-rao", folclore junino piauiense; "Azulão" poesia de Luiz Peixoto; e "Nossa Senhora", de Hekel Tavares. Apresentou ainda "Engenho Novo", folclore nordestino e "Azulão" de Jayme Ovalle. Após a programação, cantou, a pedido dos ouvintes, "Adivinhação", de Vieira Brandão.

Vida

Marília já se apresentou em inúmeros recitais nacionais e internacionais. Dakar, Lucca (Itália), Roma são algumas cidades que já ouviram a cantora lírica. A convite da TV Cultura, canal 2, e Rá-

dio Ministério de Educação, Rio de Janeiro, realizou programas exclusivos de música brasileira. Entre outros títulos, conquistou o troféu **João de Barro**, em 66, e foi considerada a "melhor cantora", em 70.

É professora de canto orfeônico da Escola Estadual de I Grau "Dr. Agenor Couto de Magalhães", em São Paulo, onde mantém um coral com seus alunos. Apesar de cantora lírica, é estuásia e divulgadora da música folclórica, brasileira ou internacional.

Surdez

Uma pena, mesmo, é que somente 60 dos milhares de orelhas dos jundienses estavam presentes em tão importante acontecimento cultural e musical. Quem sabe nos próximos espetáculos (mas quando?) de igual gabarito, a conscientização seja maior, nesta terra de Petronilha que vem formando centenas de universitários a cada ano que passa.

Claudio Fontana é leitor do Jornal de 2ª

O cantor Cláudio Fontana, o bem sucedido compositor de "O Homem de Nazaré", em carta extremamente simpática, elogia o JORNAL DE 2ª, da qual é leitor e admirador.

Tratando, carinhosamente, este semanário de "uma imprensa maravilhosa", Cláudio Fontana cumprimenta nosso corpo de Redatores, desejando que "O Homem de Nazaré" nos dê um ano Novo cheio de alegrias.

Somos muito gratos ao Cláudio Fontana e, de público, declaramos a nossa torcida (de suor a camisa), para que



1.976 lhe seja um ano pródigo em inspiração.

À Josefina Astolfi, empresária do cantor, um abraço carinhoso da patota do JORNAL DE 2ª. Célia de Freitas

Pufs!

Sarraceno é um tipo de punhal usado pelos palestinos para degolar arábes.

Decúbito dorsal, em linguajar sofisticado, significa ponta-pé nas costas.

Safena foi uma bailarina que, além do violento temperamento, destacou-se por suas belas pernas.

Absinto é o nome dado aos pintinhos que nascem precocemente.

Gorgurão foi um viking que se enforcou usando o próprio cinto.

Calamares é uma província espanhola onde vigora absoluta censura contra qualquer coisa escrita à tinta.

Gáudio foi o centurião mais alegre de toda a história de Roma Antiga.

Carpideiras são instrumentos utilizados pelas viúvas para cortar aquele matinho que nasce nos túmulos dos maridos extintos.

Muxoxo é um mal que ataca os reprodutores bovinos que atingem uma certa idade.

Vilipêndio é um instrumento espanhol que congrega os recursos do garrote vil e da força.

Mastodonte é um estranho vício que os elefantes têm de andar sozinhos.

Mandrágora é uma espécie de lagarto grego que desaparece como num golpe de mágica.

Jaboatão é uma tartaruga de proporções enormes.

Corolário foi um senador romano cujas palavras eram indecifráveis.

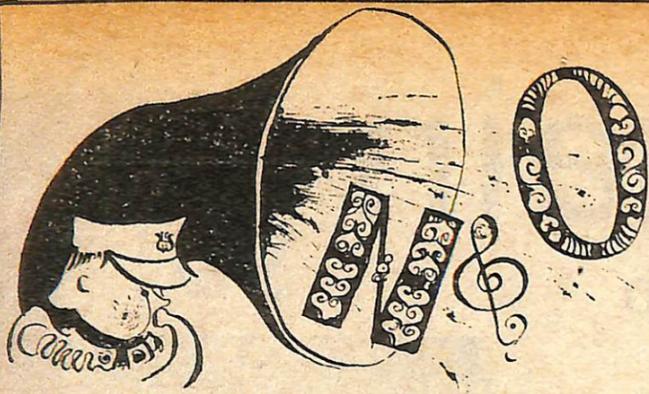
Costa Gravas é uma expressão grega impossível de ser traduzida principalmente depois da reforma ortográfica que trocou o Z por SS.

Surmanage são peças de lingerie que os homens trazem de Paris para apresentar suas esposas.

Rabino é aquela minúscula protuberância que é cortada, logo após o nascimento de crianças judaicas.

Volúpia é uma espécie de fome incontrolável que ataca os lobos, principalmente no inverno.

Zarteu



REGISTRO

No dia 5 de janeiro de 1976, o Ministro da Justiça Armando Falcão anunciou aos jornalistas que o Presidente Ernesto Geisel, com base no Ato Institucional nº 5, cassava os mandatos e os direitos civis de Marcelo Gatto, deputado federal e Nelson Fabiano Sobrinho, deputado estadual, ambos de São Paulo, ambos pertencentes ao MDB, ambos

candidatos eleitos por votos da Baixada Santista, principalmente.

Marcelo Gatto conseguiu eleger-se com 100.746 votos. Nelson Fabiano Sobrinho recebeu 43.656 sufrágios.

Os dois conquistaram seus mandatos nas eleições de 15 de novembro de 1974. (E.M.).

SOLIDARIEDADE

Numa época em que tanto se fala em "Malaqueta, Perus e Bacanaço" (sou mais Pé de Valsa, Bauer e Alfredo), "Eu Nua", semiótica linguística, etc. surge uma

boa novidade: está para ser lançado o livro de meu conterrâneo Ivan Ângelo, mineiro dos bons. Vai se chamar "A Festa". Não li mas gostei muito (F.L.M.).

ADEUS A PERSON

Morreu, na madrugada do dia 8, no Hospital das Clínicas, Luiz Sérgio Person, homem de cinema ("São Paulo S.A.") e de teatro ("Orquestra de Senhoritas"), um dos sérios valores nessas duas áreas de Arte.

Tinha 39 anos e foi

vítima de um acidente, no dia 5, quando voltava para casa, em Itapevica. Seu automóvel foi colhido por um ônibus, na Via Régis Bittencourt.

Uma pena a morte de Person: era um grande cara. (E.M.).

SERVIÇO DE PRIMEIRA

Waldemar Gonçalves, jornalista do "Jornal da Cidade", foi nomeado Assessor de Imprensa do prefeito e já está exercendo a função, desde a semana passada.

Homem experimentado nesse tipo de trabalho (ele já exerceu a função quando era prefeito Walmor Barbosa

Martins) o trabalho de Waldemar Gonçalves já começou a apresentar resultados.

Basta ver, nas primeiras páginas dos diários locais — especialmente no JC — o número de fotografias e de notícias em que aparece o seu atual chefe.

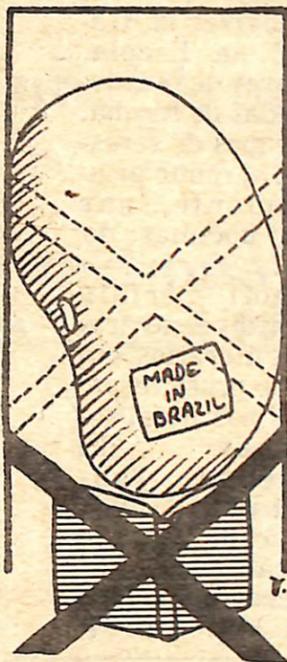
MAIS UM PRÁ LÁ



Aldir Blanc, parceiro de "João Bosco" ("Dois prá lá, dois prá cá" e outras) foi revelado pelo "Pasquim" como um incrível e originalíssimo escritor de crônicas.

É só comprar o "Pasca" e ler. Vale a pena (E.M.).

TUDO BEM!

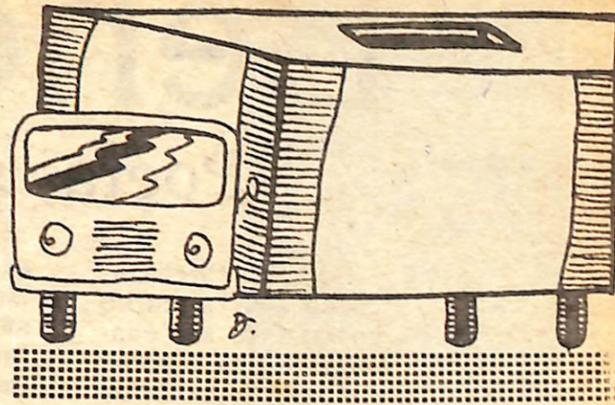


Segundo a "Dica" de Sérgio Augusto ("Pasquim" nº 340), a censura proibiu 200 livros, durante o ano de 1975.

De acordo com "O Estado de São Paulo" (6/1/76), a exportação de soja cresceu 45%, no ano que passou.

Se a coisa foi inversa, podes crer, nós estamos "à beira do caos". (E.M.).

NÃO VEM QUE NÃO TEM



A Empresa de Mineração do Colorado, subsidiária da Utah International Incorporation e a Companhia Carbonífera Barro Branco, de Santa Catarina, assinaram protocolo de intenções com a finalidade de se associarem para a exploração de carvão e a implantação de uma fábrica de amônia no Estado sulino.

A Fruehauf norte-

americana e a FNV — Fábrica Nacional de Vagões associaram-se para fundar uma nova empresa que produzirá reboques rodoviários e implementos para caminhões no Brasil.

Em vista disso, queremos deixar muito claro ao "Washington Post" que não pretendemos abrir mão de nenhuma das nossas quotas, não adianta insistir. (E.M.).

12º GAC SOB NOVAS ORDENS

Desde sexta-feira passada, o 12º GAC tem novo Comandante, o Ten. Cel. Paulo Borges Leitão Filho.

A passagem do comando foi feita pelo

até então Comandante, o Cel. Luiz Carlos Domingues da Silva, em solenidade pública realizada no quartel daquela Unidade militar, às 10 horas do dia 9.

O ROTO E O RASGADO

Antes de embargar as obras da Telesp, como determinou no meio da semana passada, a pretexto de que a firma empreiteira que realiza obras da rede telefônica para a empresa estadual está estragando as ruas da cidade, o

prefeito devia ver como anda a sua casa. E o alcaide parece ignorar que o DAE (portanto, sua administração) tem sido um sério competidor da Telesp na ação de danificar as nossas já mal cuidadas vias públicas (Benito).



HORO'S COPO

Aries (21/3 a 20/4)
Cor: verde. Número de sorte: 12. Pedra: rubi. Procure pensar seriamente nisso e talvez o imposto lhe pese menos, Carneiro.

Touro (21/4 a 20/5)
Aproveite essa argola do nariz e amarre-se no tronco da figueira cortada até virar carne de vaca, boizão.

Gêmeos (21/5 a 20/6)
Viagens à vista. Enquanto estiverem asfaltando a tua rua, sai na janela e fique vendo. Caladinho. Enquanto isso, teu dinheiro viaja.

Câncer (21/6 a 21/7)
Grandes chances no novo ano, ano político. Com esse jeitão, você talvez ocupe a pasta das finanças, corroidas. Feliz 76.

Leão (22/7 a 22/8)
Evite protestar. Evite falar alto. Evite tudo o que puder. Aliás, teu pai devia ter feito isso. Ou tua mãe. Feliz 76.

Virgem (23/8 a 22/9)
Faça como a Serra do Japi: entregue-se à sanha de alguém. Feliz Gutierrez, querida moçoila.

Balança (23/9 a 22/10)
Cuidado com o agrônomo oficial. Pode ser que, por te ver assim balançando, ele autorize que te cortem. Figs silvestres pra você.

Escorpião (23/10 a 21/11)
Candidate-se. Pelo que as enquetes têm demonstrado, quanto mais veneno, melhor. Que o asfalto lhe seja leve.

Sagitário (22/11 a 21/12)
Tente o funcionalismo municipal. Pode ser que o aumento não seja alto, mas você vai ver cifras astronômicas passando pelo teu nariz.

Capricórnio (22/12 a 20/1)
Cuidado com os galhos. Jamais recorra a técnicos oficiais. Falar com eles é poda, na certa. Um enorme marco histórico pra você.

Aquário (21/1 a 19/2)
É possível que, neste feliz 76, a água lhe fique muito salgada. Consulte a nova tabela do DAE, antes de votar nas próximas eleições.

Peixes (20/2 a 20/3)
Saudade daquela agulha mais em conta? Tenha calma, tenha fé, tenha paciência. Ponha seu título de eleitor em dia, pisciano. E mande brasa.

Prof. Zuleika

Casa de Frutas Albino
Rua Senador Fonseca, 1061
Fone, 6.1652

Lojas Excelsior
Rua do Rosário, 362
Fones, 6.2260 e 4.1404

Tapeçaria Brasil
Rua Dr. Torres Neves, 224.

Livraria Anhanguera
Rua do Rosário, 421
Fone, 4.2728

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário J.J. Rodrigues,
162 Telefone, 6.1541

Rei dos Cartões
Rua Dr. Torres Neves, 541
Fone, 6.7720

Foto Gelli
Rua do Rosário, 334
Fone., 4.2253

Tabacaria São Geraldo
Rua Senador Fonseca, 1059

Foto Luiz
Rua São José, 22

Young's Shopping
Rua Dr. Torres Neves, 264

Benoit Certain

Poeta, seresteiro, brincalhão

Benoit Certain, como era e como gostava de ser chamado, tinha o nome civil de Benedito de Paula Certain, tendo nascido na cidade de Campinas, aos 13 de setembro de 1911.

Funcionário público da Prefeitura Municipal de Jundiaí, jornalista, poeta, músico, compositor, seresteiro e, acima de tudo, boêmio, foi uma das figuras mais singulares, populares, queridas, admiradas e inteligentes que Jundiaí teve a honra e o privilégio de abrigar como filho queridinho.

Ainda, hoje, após tantos anos de sua

morte biológica, Benoit Certain e suas inscríveis histórias, são motivos de bate-papos entre os que tiveram a felicidade de com ele conviver no trabalho, na Escola, nos bares da cidade, nas rodas de samba, nos grupos de seresteiros, e, muito principalmente, nas rodas boêmias da época.

Benoit Certain deixou diversos trabalhos literários, em verso e prosa, espalhados nos jornais e revistas da imprensa jundiaíense, paulistana, campineira e carioca.

Escreveu a História Colonial e

Imperial de Jundiaí com tal precisão e beleza de forma, que esse seu trabalho é considerado como um verdadeiro modelo no gênero.

Mas é de Benoit poeta que publicamos alguns poemas, pertencentes ao arquivo de Virgílio Torricelli.

Foi a forma encontrada por nós para homenagear a figura inteligente do poeta, seresteiro e cantador Benoit Certain. Esperamos que ela reacenda a memória de amigos do magistral mulato e que esses amigos nos enviem tudo quanto possuírem do autor destas poesias:



A partir da esquerda, Alberto Braga, Benoit, Virgílio Torricelli e Hugo Novaretti, num churrasco na Chácara Vila Ema. Era dia 8 de dezembro de 1941.

A Lógica de... Outro "V"

Para ser rasgado em seguida.

No novecentos e noventa e sete
Da rua antiga do Rangel Pestana,
Apareceu um jovem de topete
E ali pô-se a rondar dia e semana...

Mas para não ficar sozinha a mana,
A cana portentosa se repete:
Outro jovem se acerca e se atazana,
A fim de que o cenário se complete...

Assim correu o tempo dulçoroso,
Nesse sonho de moços tão formoso
Como a glória de um dia ensolarado...

Porém o que tem nome de um Poeta,
Que começa por "V", foi mais pateta,
E a... "vitória" sorriu para outro lado...
5/2/1.943

LÓGICO

De viver só

B. Certain oferece ao "star"
Souza Leite

Ele sorriu de tristes mãos que se estendiam,
Súplices lindas mãos impregnadas de dor...
Escarneceu dois lábios que, a gemer, pediam
O alimento do sonho, uma gota de amor...

Sorriu dentro dos beijos, dados no calor
Ansioso de dois seios firmes que fremiam...
Continuou, foi levando essa vida sem cor,
Pois o que esperava seus olhos não viam...

Mas o Inverno chegou, e com ele os abrolhos,
E com ele o negror fatal dos dias tredos,
Fazendo o solitário ipê de horror tremer...

E ele finou sem ter quem lhe cerrasse os olhos,
Quem pusesse uma cruz na trança de seus dedos,
No minuto soturno e amargo de morrer...

(Jundiaí, 10 de junho de 1942)

Rubayat Moderno

Por Lécio

Da Prefeitura, uma sala
Mais parece uma Babel:
Tem professor... sem ser "Nimbus",
Tem o Hugo dos carimbos,
E tem o "turco" da mala:
Mestre Antônio Rafael...

Mais incômodo que a guerra,
Mais sóbrio do que um tonel,
Mais falador que os barbeiros,
Mais "chato" que "Jangadeiros",
Em toda a face da terra:
Mestre Antônio Rafael...

ILÓGICO

5 de fevereiro de 1943